

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Isonete Vilvert

**O DEMÔNIO E OS MÉDIUNS: BOAVENTURA
KLOPPENBURG E O DISCURSO CATÓLICO SOBRE A AÇÃO
DEMONÍACA NO ESPIRITISMO (MEADOS DO SÉCULO XX)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Licenciatura e Bacharel em História, orientada pelo Professor Dr. Artur Cesar Isaia, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

VILVERT, Isonete Vilvert

O demônio e os médiuns : Boaventura Kloppenburg e o discurso católico sobre a ação demoníaca no Espiritismo (meados do século XX) / Isonete Vilvert VILVERT ; orientador, Artur Cesar Isaia ISAIA - Florianópolis, SC, 2013. 73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Discurso católico. 3. Espiritismo. 4. demônio.
I. ISAIA, Artur Cesar Isaia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.

Isonete Vilvert

O DEMÔNIO E OS MÉDIUNS: BOAVENTURA KLOPPENBURG E
O DISCURSO CATÓLICO SOBRE A AÇÃO DEMONÍACA NO
ESPIRITISMO (MEADOS DO SÉCULO XX)

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do grau de
Licenciatura e Bacharel em História, e aprovada em sua forma final pelo
Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de novembro de 2013.

Prof^ª. Aline Dias da Silveira, Dra.

Coordenadora do Curso

Orientador Prof. Artur Cesar Isaia, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof^ª. Elisangela Marina de Freitas e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcos Fabio Freire Montyzuma, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado a
memória de Paulo
Nazareno, meu irmãozinho
e anjo da guarda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, sem a qual nada seria possível.

À minha família que são a base de minha vida e presença incondicional em todos os momentos com seu apoio e amor. Especialmente a minha mãe Bernadete, que admiro muito e procuro sempre me espelhar. A minha irmã Zulmara, aos meus irmãos Isony e Zulmar e, respectivamente, aos meus cunhados, Jacó, Patrícia e Fabiana. Aos meus sobrinhos Paulo Juliano, Jean Carlos, Stefany e Valentina, que sempre me fazem sorrir. A Thiago Linhares Weber, meu amor, que encontrei bem no começo da graduação, foi um parceiro de curso que me ajudou muito; e como namorado, meu companheiro sempre.

Ao meu orientador e professor Artur Cesar Isaia, um grande mestre e amigo que com muita paciência e generosidade me ensinou a persistir e buscar melhorar sempre mais.

Aos meus queridos amigos, antigos, novos e eternos: Mary Angela Josten, Franciele Cristina Coelho, Larissa Chagas Daniel, Cassila Cavaler Pessoa de Mello e Gil Karlos Ferri.

Ao ITESC (Instituto Teológico de Santa Catarina)/FACASC, em especial a bibliotecária Adriana que sempre, em todos os momentos, se mostrou disponível em auxiliar durante o meu período de pesquisa no ~~serviço~~.

A todos o meu muito obrigado!!

“O cara mais underground que eu
conheço é o diabo.”
(Zeca Baleiro, 1995)

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo analisar a presença do demônio no discurso católico de meados do século XX. Tomamos como paradigma de análise o discurso do então frei Boaventura Kloppenburg, por ser uma figura exponencial do clero brasileiro do período, inclusive dotado de autoridade para pronunciar-se sobre o assunto, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada no início da década de 1950.

Palavras-chave: Discurso católico; Espiritismo; demônio.

ABSTRACT

This work aims to study and analyze the presence of the demon in the Catholic discourse of the mid-twentieth century. We take as a paradigm for analyzing the speech of then Friar Boaventura Kloppenburg. He was the main religious authority of the Catholic Church to speak about this subject, including recognized by the National Conference of Brazilian Bishops, in the early 1950's.

Key words: Catholic discourse; Spiritism; demon.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Frei Boaventura Kloppenburg.....	19
1.1. “Frei Boaventura Kloppenburg: Biografia e História”....	19
2. A construção do demônio.....	25
2.1. O demônio no discurso católico.....	25
2.2. O demônio e o imaginário cristão.....	29
3. O discurso católico sobre a ação demoníaca no Espiritismo.....	37
3.1. O Espiritismo para frei Boaventura Kloppenburg.....	37
3.2. Como frei Boaventura Kloppenburg explica os fenômenos espíritas.....	45
3.3. O papel do demônio no Espiritismo para frei Boaventura Kloppenburg.....	57
4. Considerações Finais.....	65
5. Fontes.....	68
6. Referências.....	70

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos como bolsista PIBIC/CNPq¹ no Laboratório de Religiosidade e Cultura (LARC) começamos a trabalhar no projeto, “A presença do magismo na obra dos intelectuais umbandistas da primeira metade do século XX”, do nosso Professor e Orientador Artur Cesar Isaia. Passamos a ter contatos com leituras mais específicas sobre as religiões mediúnicas. Foi em algumas destas leituras sobre o projeto, que um artigo chamado “As religiões afro-brasileiras e a hierarquia católica na primeira década pós-conciliar” (ISAIA, 2011), nos chamou a atenção pela posição do frei Boaventura Kloppenburg no discurso da Igreja Católica na primeira década pós-conciliar em relação às religiões afro-brasileiras.

Após conversarmos com o Professor e Orientador Artur Cesar Isaia sobre esta postura do religioso, fomos orientados a trabalhar a fonte “O Espiritismo no Brasil: orientação para os católicos” de 1960. Juntamente com a fonte também utilizamos alguns artigos publicados por Kloppenburg na Revista Eclesiástica Brasileira ao longo da década de 1950.

Estes artigos tratavam do tema sobre o Espiritismo e começam a ser publicados a partir de 1952, podemos notar que além dos artigos publicados, Kloppenburg também utilizará outros espaços da revista para falar sobre o Espiritismo, como na parte de Comunicações; Assuntos pastorais; Documentação e Apreciações.

Já na introdução da fonte, Kloppenburg manifesta a sua preocupação com a confusão religiosa, ou seja, as várias concepções percebidas num mesmo indivíduo. E o remédio para esta confusão, segundo o frei, “um sistema muito nosso, brasileiro”, (KLOPPENBURG, 1960, p. 07) seria iniciar uma orientação sobre a doutrina da Igreja Católica. Por este motivo, havia a necessidade e até responsabilidade por parte do clero nesta ação.

Kloppenburg constrói um histórico sobre o Espiritismo no Brasil, sobre suas causas, sobre os vários fenômenos espíritas, entres outros. Nesta narrativa se percebe também a construção de uma explicação acerca dos fenômenos espíritas e da atuação do demônio no

¹ Início como bolsista PIBIC/CNPq no Laboratório de Religiosidade e Cultura (LARC) em agosto de 2012.

Espiritismo. O texto está imbuído de um discurso que aponta as diferenças entre a Igreja Católica e o Espiritismo.

É deste discurso que surgiu a problemática do nosso trabalho: “O demônio e os médiuns: Boaventura Kloppenburg e o discurso católico sobre a ação demoníaca no Espiritismo (meados do século XX)”, ao percebemos que este é um tema presente no discurso católico desde o período pré-conciliar.

Compartilhando que “o imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real”, (PESAVENTO, 2008, p. 43) entendemos que este imaginário ao ser representado como realidade para alguns, pode ser representado como fantasia para outros, nas relações sociais. Por esta razão, vamos estudar este imaginário nas questões relacionadas ao tema exposto.

Nossa pesquisa tem como objetivo principal analisar o posicionamento do frei Boaventura Kloppenburg em relação à atuação demoníaca no Espiritismo. Em função deste objetivo principal pretendemos enfocar a atuação de frei Boaventura, bem como estabelecer nexos de inteligibilidade entre esta atuação e sua biografia. Reputamos fundamental essa relação para compreendermos o seu discurso e assim chegar ao entendimento do porquê a saliência do demônio como explicação para os fenômenos mediúnicos em sua obra. Dessa forma vamos compreender que frei Boaventura Kloppenburg era considerado uma voz autorizada pela Igreja Católica para manifestar-se sobre o assunto. Neste sentido frei Boaventura coordenou o Secretariado Nacional de Defesa da Fé, criado em 1953 como um órgão da CNBB – (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), encarregado de combater as religiões mediúnicas.

Desta forma, vamos trabalhar a relação entre o discurso católico assumido por Kloppenburg e sua relação com o discurso espírita, pois “todo discurso é incompleto e seu sentido é intervelar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas”. (ORLANDI, 1996, p.240)

A presença de Eni Orlandi nessa pesquisa não significa que nos propomos a fazer uma análise de discurso. Apenas chamamos o instrumental teórico da análise do discurso, a fim de melhor interpretarmos nossas fontes, nas quais uma voz autorizada (Boaventura

Kloppenborg) fala de um referente (Espiritismo) a partir de um lugar institucional privilegiado (Igreja Católica).

Nesta pesquisa, estaremos nos apoiando em três autores que dialogam com a nossa problemática até o presente momento: Emerson Giumbelli, Artur Cesar Isaia e Solange Ramos de Andrade.

Giumbelli mostra em seus trabalhos, que o termo Espiritismo foi simplificado e generalizado a todas as religiões no Brasil que sofriam a interferência dos espíritos em suas doutrinas. Sua pesquisa abrange o período que data dos anos de 1880 do século XIX até a década de 1940. Nesse primeiro momento, aborda a mobilização dos médicos para definir o que é o Espiritismo e que efeitos esta doutrina representa para a sociedade, “os médicos tornam-se um misto de cientistas sociais”, (GIUMBELLI, 1997, p. 36) unidos então com a psicologia, para explicar os fatos da consciência. No segundo momento, o autor trata que será na década de 1930, com a categoria “cultura” nas ciências sociais, que passará a se problematizar as religiões mediúnicas² e afro-brasileiras. O autor vai explicar o porquê da clivagem entre o “alto” e o “baixo” Espiritismo, mostrando que esta não é uma categoria analítica, mas evidências dos inquéritos policiais, incorporadas ao discurso jurídico. Como “recurso de hierarquização”. (GIUMBELLI, 2003, p. 249)

Nos trabalhos de Artur Cesar Isaia, encontramos suporte sobre o discurso da Igreja Católica frente à propagação das religiões mediúnicas na primeira metade do século XX. O autor nos mostra que houve duas ênfases neste discurso, pois se até os anos da década de 40 e 50, prevaleciam os dogmas da igreja como recurso argumentativo, após este período, o discurso da instituição recorre a outros discursos, como o médico-psiquiátrico para enfrentar as novas conjunturas sociais. Assim, Kloppenburg a partir da década de 1950 começou a dialogar com outros discursos. Além do médico-psiquiátrico, começa a dialogar com o jurídico e o sociológico e atuou como principal porta-voz da Igreja Católica para falar sobre os fenômenos espíritos, “com o objetivo de coordenar a preservação da ortodoxia católica”. (ISAIA, 1998, p.03)

² N.a. Usaremos a mesma expressão designada por Isaia com referência as “religiões mediúnicas” referindo-nos àquelas que, acreditando na reencarnação e no contato entre vivos e mortos, recorrem a um intermediário entre ambos, o médium, julgado capaz de emprestar seu corpo para que os espíritos manifestem-se. (ISAIA, 2005, p. 599)

Kloppenburg também generalizara todas as religiões mediúnicas como sendo um único Espiritismo.

Para Isaia, o discurso católico tendeu a focar toda uma gama de manifestações mediúnicas como espíritas, no afã de simplificar e radicalizar a realidade, bem como equiparar o Espiritismo com as manifestações afro-brasileiras, descredenciadas socialmente. Assim:

qualquer imaginário para tornar-se convincente, simplifica e radicaliza a realidade. Em relação ao da hierarquia católica pré-conciliar, essa simplificação e radicalização era construída a partir de vários pares antitéticos, onde se contrapunha a perene “verdade”. (ISAIA, 2005, p. 600)

Os artigos de Solange Ramos Andrade (ANDRADE, 2012a e 2012b) nos orientaram sobre a biografia da vida do frei Boaventura Kloppenburg, assim como conhecer melhor a trajetória deste porta-voz da Igreja Católica. Para esta autora, Kloppenburg pode ser considerado um dos maiores representantes do pensamento da Igreja Católica entre o período de 1950 a 1960 e a sua trajetória também tem relações com o momento histórico que a Igreja Católica no Brasil estava enfrentando.

Em nossa pesquisa será trabalhado a perspectiva de imaginário, bem como, com as ressalvas feitas anteriormente, alguns pontos de vista da análise do discurso. Pesavento entende “por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. (PESAVENTO, 2008, p. 43) Tanto Pesavento como Isaia (2005), apontam o imaginário como um construtor de identidades ou exclusões, porque as crenças que para alguns são consideradas reais, para outros serão tidas como ilusórias, neste sentido o imaginário divide e cria uma hierarquia do que é real ou não nas relações sociais. Assim Le Goff mostra que “a sociedade só existe no plano do simbólico porque pensamos nela e a representamos, desta ou daquela maneira”, (Apud PESAVENTO, 2008, p. 45) por este motivo o imaginário é uma representação do mundo criada pelo homem, portanto datado e histórico. Sendo assim “o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, ao traduzir a experiência do vivido e do não vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído”. (PESAVENTO, 2008, p. 47)

Já em relação ao instrumental da análise do discurso, Orlandi mostra que a mesma “tem como unidade o texto. (...) Na análise de

discurso, o objeto teórico é o discurso e o objeto empírico (analítico) é o texto”. (ORLANDI, 2000, p. 21) Este texto, portanto indica elementos que o constituiu, não somente informações, mas sentidos de um “outro” que muitas vezes não está presente no texto, mas que ao serem conectados ao seu contexto no qual foram produzidos, mostram as diferenças, que o discurso ocultou.

Considerando que “a diversidade existe, os homens, étnica e culturalmente, apresentam distinções e, nas relações sociais, de poder e econômicas, vivem e reproduzem assimetrias”. (PESAVENTO, 2008, p. 60) Foucault dizia já:

que em toda sociedade a produção de discursos estava controlada por procedimentos de classificação, avaliação, divisão, separação e limites. Uma cultura se instalava pela partilha e atribuições de significados e o que cabia estudar era justamente o jogo de elaboração dos discursos, constitutivos daquilo que se chamaria o real. (...) Não haveria separação entre o texto e contexto, e aquilo que se convencionava chamar de real era dado por objetos discursivos, fixados historicamente pelos homens. (Apud PESAVENTO, 2008, p. 32-33)

Em nosso trabalho iremos analisar o *discurso religioso* como um objeto, e assim como Orlandi, também entendemos que “o discurso religioso não é objeto de análise somente para teólogos ou “religiosos”, e pode, ao ser pensado em outros domínios, receber contribuições importantes para a renovação do estudo da religião”. (ORLANDI, 1987, p. 07)

Na relação de interlocução Orlandi propõem a noção de reversibilidade como condição para os três tipos de discursos: autoritário, polêmico e o lúdico.

Entendo reversibilidade como a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. Pela noção de reversibilidade, proponho não fixar de forma categórica o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. Em minha perspectiva, esses pólos, esses lugares, não se definem em sua essência mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade. (...) Procuro estabelecer que, sem esta dinâmica na relação de interlocução, o discurso não se dá, não prossegue, não se constitui. Isso, no entanto, não significa que todo discurso se estabelece na harmonia dessa condição. (ORLANDI, 1996, p. 239)

E esta condição não tende a acontecer no discurso autoritário, pois este busca segundo Orlandi anular a reversibilidade da interlocução, será a ilusão da reversibilidade que conservará o discurso, como para Orlandi todo discurso é polissêmico³, o discurso autoritário busca parar a polissemia. Sendo assim, o discurso religioso é analisado pelo ponto de vista do tipo autoritário. (1996, p. 240-241)

No discurso religioso, há um representante da voz de Deus, por este motivo, o padre, o pregador ou qualquer representante seu “fala a voz de Deus”, desta maneira:

no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros frágeis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. (ORLANDI, 1996, p. 243)

Para Orlandi o homem não pode ocupar o lugar de Deus, o representante da voz de Deus não tem autonomia para modificá-la e regulada, por exemplo, pelo texto sagrado. Neste sentido a autora mostra que pode ocorrer “a possibilidade das diferentes interpretações (leituras) das palavras (do texto), mas essas diferenças observam um regulamento categórico: além de um certo limite, elas são consideradas transgressões, instituem novas seitas, são cismas, etc”. (ORLANDI, 1996, p. 245) A ilusão da reversibilidade no discurso religioso mostra que “aquele que fala do lugar de Deus transmite Suas palavras. O representa legitimamente, mas, não se confunde com Ele, não é Deus”. (ORLANDI, 1996, p. 253)

Gostaríamos também de salientar uma característica do discurso religioso tratada por Orlandi, que para o nosso trabalho também é importante. É referente ao discurso teológico e que está relacionado com o texto e as suas condições de produção:

³ Para Orlandi “o processo polissêmico é o responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)”. (ORLANDI, 2000, p. 20)

Trata-se do fato de que uma característica forte que é atribuída, principalmente, ao discurso teológico é a intertextualidade. A intertextualidade se define pela remissão de um texto a outros textos para que ele signifique. Assim, podemos definir o discurso teológico como um discurso sobre outro discurso. Com isso, pretendemos dizer que o discurso teológico, ao contrário da conversa cotidiana ordinária, pouco tem a ver com o seu contexto imediato de enunciação, ou seja, com a situação imediata em que ele se dá. Aparece como “um comentário” ao texto de origem. (ORLANDI, 1996, p. 253)

Podemos dizer que as perspectivas de “imaginário e a análise do discurso” que serão trabalhados e com os autores que estamos dialogando em nossa pesquisa, nos concederão uma boa discussão para o problema em que estamos trabalhando, que é analisar o posicionamento do frei Boaventura Kloppenburg em relação à atuação demoníaca no Espiritismo.

Achamos conveniente deixar claro que iremos trabalhar com a História Cultural, até porque “a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”. (PESAVENTO, 2008, p.42) É essa História que nos possibilita também trabalhar os conceitos citados acima e a maioria de nossos autores também fazem parte da História Cultural, podemos destacar Isaia e Pesavento.

Nossa fonte principal será a obra do frei Boaventura Kloppenburg, intitulada de “O Espiritismo no Brasil: orientação para os católicos”, do ano de 1960. Foi a partir dessa leitura que originou o nosso trabalho, pois se percebe a construção de um discurso acerca do Espiritismo e durante todo o texto se procura apontar as diferenças entre a Igreja Católica e o Espiritismo.

Nossa metodologia escolhida foi o “método da montagem”, onde o historiador precisa,

recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra cabeças ou puzzle de peça, capazes de produzir sentido. Assim, as peças se articulam em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significado, ou então se combinam por contraste, a expor oposições ou discrepâncias. (PESAVENTO, 2008, p. 64)

Temos em mente que trabalharemos com o cruzamento entre a História Cultural e a História das Religiões. Desta maneira, vamos inquirir nosso “corpus” documental, procurando nele as tramas de significações humanas inseridas em um esforço institucional para credenciar a voz do Catolicismo e desacredenciar a voz do Espiritismo. Esse jogo de oposições, mais uma vez vai ao encontro da nossa opção por trabalhar com o imaginário. Assim, segundo Pesavento (2008) falar em imaginário é falar um sistema coordenado de oposições capazes de exteriorizar de forma simplificada a realidade. É isso que Kloppenburg tenta em seus textos, a partir de um olhar teológico, apologético e referendado pela Igreja Católica.

Em nosso primeiro capítulo é feita uma pequena biografia da história de frei Boaventura Kloppenburg onde buscamos entender a posição do religioso como porta-voz da Igreja Católica em meados do século XX, neste sentido demos ênfase nas áreas de sua atuação.

No segundo capítulo tratamos sobre o demônio e dividimos em dois subcapítulos, onde no primeiro subcapítulo procuramos demonstrar o ensinamento teológico da Igreja Católica a respeito do demônio, para isso consultamos o Catecismo da Igreja Católica e também o site católico “Canção Nova”. E no segundo subcapítulo dialogamos com dois autores Nogueira e Delumeau que tratam a cerca da construção do imaginário cristão sobre o demônio no ocidente.

O nosso terceiro e último capítulo está dividido em três subcapítulos, nos quais analisamos o Espiritismo para frei Boaventura Kloppenburg, como o religioso explica os fenômenos espíritas e qual o papel do demônio no Espiritismo e nossa principal fonte foi o livro do próprio Kloppenburg, “O Espiritismo no Brasil: orientação para os católicos”.

1. FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG.

1.1. “FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG: BIOGRAFIA E HISTÓRIA”.

O ponto de partida para este capítulo foi a biografia de Boaventura Kloppenburg, escrito pelo próprio. (BIOGRAFIA, [s.d]) De acordo com este documento, Kloppenburg nasceu em Molbergen no norte da Alemanha em 02 de novembro de 1919, foi batizado com o nome de Karl-Josef. Seu pai foi convocado para a 1ª Guerra Mundial, em 1917 é feito prisioneiro de guerra, mas consegue fugir em 1919. Retornando para a Alemanha, resolve se mudar com a família para o Brasil em 1924, mais especificamente em Rolante (RS).

Filho de família católica praticante, aos doze anos Kloppenburg decide ser padre e inicia seus estudos no Seminário Menor de São Leopoldo (RS), seus estudos de Filosofia no Seminário Central de São Leopoldo (RS), seu noviciado pela Ordem dos Frades Menores (OFM) em Rodeio (SC) onde recebe o nome de Frei Boaventura, conforme rezava a Regra Franciscana pré-conciliar. Para Kloppenburg a “Editora Vozes”, (BISPO, [s.d], p. 509) foi responsável por sua escolha pela ordem franciscana, o frei teve contato com a editora em 1940 quando fazia Filosofia. Estudou teologia no convento desta mesma congregação, em Petrópolis, RJ e no ano de 1947 é enviado a Pontifícia Universidade Antonianum⁴ de Roma por seus superiores, ao perceberem seu gosto pelo estudo de teologia dogmática.

Nesta universidade Kloppenburg em 1951, irá defender a tese intitulada “De relatione inter peccatum et mortem,” na qual estudará os conceitos da escola de São Agostinho, a filosofia das escolas medievais e do próprio Magistério da Igreja a respeito da relação entre pecado e morte. Kloppenburg então defende que não encontrou “nada de novo, mas só lembrou uma doutrina antiga caída em esquecimento e inexplicavelmente contraditada hoje por não poucos teólogos católicos.” (APRECIACÕES, 1952a, p. 245)

⁴ N.a. a Pontifícia Universidade Antonianum (PUA) é uma instituição científica e educacional patrocinada pela Ordem dos Frades Menores, com ênfase em Teologia, Direito Canônico e Filosofia, localizada em Roma. Disponível em: <http://www.antonianumroma.org/index.php>
Acesso em 26/08/2013

Ainda no ano de 1951, Kloppenburg começa a dar aulas no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis e permanece até o ano de 1971 como professor de teologia dogmática, quando pedirá demissão. Kloppenburg reclama que os estudantes seguiam ideias novas, que se sentia ultrapassado pelos mesmos e ao mesmo tempo era tido como um conservador. (BISPO, [s.d], p. 514) Posteriormente irá dar aulas em “Porto Alegre no ano de 1972, em 1973 em Roma e em Medellín de 1974 a 1982.” (MORRE, [s.d])

O mesmo acontece com o cargo de redator-chefe na Revista Eclesiástica Brasileira⁵ que Kloppenburg assumiu em 1953, ressaltando que a mesma deveria ser “verdadeiramente eclesiástica, atendendo aos interesses de toda a Igreja” (ANDRADE, 2012, p. 70), ou seja, era uma revista do clero para o clero. A partir da década de 1970 começam a surgir discordâncias sobre os artigos que deveriam ser publicados na revista, por este motivo Kloppenburg considerado defensor dos valores tradicionais, deixará em 1971 a redação da Revista Eclesiástica Brasileira.

Com o seu pedido de demissão o cargo será ocupado pelo frei Leonardo Boff, um de seus alunos. Nesta revista era comum o aluno de teologia dogmática ajudar na redação da revista e frei Leonardo Boff, assim como outros, foi escolhido por Kloppenburg para esta função. Ambos tiveram uma boa relação, até Frei Leonardo voltar da Alemanha com os novos ideais sobre a Teologia da Libertação⁶. Devido as divergências sobre esta nova ideologia, o trabalho entre os dois na redação da revista acaba sendo prejudicado.

Voltando para a entrada da década de 1960, Kloppenburg será chamado a participar da Comissão Teológica do Concílio do Vaticano II⁷ como perito e atuará durante todo o período do concílio. Kloppenburg estava nesta época atuando na Campanha de Esclarecimento aos católicos sobre o Espiritismo, para não abandonar

⁵ N.a. para conhecer mais sobre a revista ver ANDRADE, Solange Ramos de. **O catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012.

⁶ Teologia da Libertação é um termo que abrange vários movimentos teológicos que se propagaram a partir dos meados da década de 1960 e que pretendem compreender o evangelho cristão em função das necessidades atuais de promoção da liberdade humana. Suas análises quase sempre do pensamento marxista, interpretam a redenção como libertação, identificam Cristo com os oprimidos e desafiam os conceitos formados pela teologia e pela cultura dominada pelo homem. (HINNELLS, 1984, p. 261)

⁷ O Concílio Vaticano II iniciou em 11/10/1962 e terminou em 08/12/1965.

totalmente esta campanha, publica o livro: O Espiritismo no Brasil – orientação para os católicos, “com o objetivo de oferecer ajuda a outros conferencistas e pregadores,” (SCHIERHOLT, 2008, p. 37) ainda em 1960. Este livro reuniu muitos de seus artigos já publicados na Revista Eclesiástica Brasileira, a sua maioria escrita durante a década de 1950.

Kloppenburger no Concílio Vaticano II, “participará da terceira subcomissão sobre a íntegra custódia do depósito da fé (com doutrinas hoje postas em dúvida ou negadas por alguns). Entre os 11 esquemas elaborados constava o sétimo: Espiritismo, reencarnação e novíssimos.” (SCHIERHOLT, 2008, p. 49) Encarregado de dirigir a Seção de Língua Portuguesa do Serviço Imprensa do Concílio em 1962 se entusiasmará pela possibilidade de lidar diretamente com as fontes sobre o Concílio. Kloppenburger publicará de forma mais popular as principais passagens do Concílio, que originou os cinco volumes do Concílio Vaticano II. Neste período a Revista Eclesiástica Brasileira

passou a publicar, na ocasião do Concílio Vaticano II, uma seção dedicada às comunicações, crônicas sobre o Concílio, além de toda a documentação a ele referente. Kloppenburger foi o grande divulgador das ideias do Concílio Vaticano II no Brasil, e os textos publicados na revista durante esse período constituem leitura obrigatória ao estudioso da história da Igreja Católica no Brasil. (ANDRADE, 2012b, p. 70)

Ainda no período que estava em Roma, continuou estudando o Espiritismo, realizou curso de parapsicologia nos EUA e na França. No ano de 1973 Kloppenburger começa a dar aula em Roma, neste mesmo ano acontece a Assembleia geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em Sucre na Bolívia, segundo Kloppenburger, os bispos resolveram fechar todos os Institutos do CELAM e abrir um novo, devido a grande propagação da Teologia da Libertação nestes institutos. O nome de Kloppenburger é indicado para dirigir este novo instituto, ainda neste mesmo ano começa a dirigir e organizar o novo Instituto Pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM em Medellín na Colômbia. Em 1975 fundará em Bogotá uma revista chamada Medellín no mesmo modelo da Revista Eclesiástica Brasileira. (BISPO, [s.d], p 515-517)

Quando em 1982 é nomeado bispo auxiliar de Salvador (BA), Kloppenburger fala que como nunca fora padre e sim professor na formação de padres teve que aprender a ser bispo. (BISPO, [s.d], p. 523)

Logo depois, em 1986 é nomeado bispo diocesano de Novo Hamburgo (RS). Em 22 de novembro de 1995 torna-se Bispo Emérito de Novo Hamburgo, permanecendo nesta diocese, dedica-se a publicações e a escrita de livros de teologia dogmática. Antes de terminar a sua biografia, cita que a quantidade de artigos e livros publicados alcançou quase a marca de 15.000 páginas. Morre no dia 08 de maio de 2009 em Novo Hamburgo, aos 89 anos, devidos a problemas pulmonares.

Sobre as publicações de Kloppenburg, podemos destacar o tema do Espiritismo na década de 1950, presente em grande parte de suas publicações. Em 1955, Dom Vicente Scherer presidente do Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral e Arcebispo de Porto Alegre, assim se proclamou sobre as brochuras e folhetos de Kloppenburg:

Meus parabéns e aplausos. V. Revma. está criando uma preciosa literatura especializada em matéria de espiritismo, caracterizada pela clareza, segurança de doutrina, fluência de estilo e amor à Verdade que se revelam em cada página. Presta assim uma contribuição singular e preciosíssima à causa da defesa e preservação da fé do nosso povo. (REVISTA ECLESIASTICA, 1955b, [s.p])

Aubrée & Laplantine ao tratarem da explosão dos órgãos de imprensa espíritas, especialmente a partir de 1890 com a proclamação de República e da separação entre Igreja Católica e o Estado, citam o nome de Kloppenburg como um grande difusor também do Espiritismo no Brasil, embora sua obra, evidentemente endereçava-se à detração do Espiritismo. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 159)

Em seu artigo, Solange Ramos Andrade (ANDRADE, 2012a) defende que Kloppenburg foi um sujeito atuante em seu contexto histórico e que teve o seu discurso aceito como sendo o da instituição ao qual pertencia, também apresenta que “Frei Boaventura Kloppenburg pode ser considerado um dos maiores representantes do pensamento católico dos anos 1950 e 1960”. (2012a, p. 02-03)

Kloppenburg também é mencionado por pertencer a uma tendência denominada como eclesiástico-tradicional,⁸ tendência que se baseava nos documentos eclesiásticos da Igreja para,

⁸ Em outro artigo Andrade cita esta tendência e mais outras duas: tendência antropológico-cultural e a tendência histórico-sociológica. (ANDRADE, [s.d], p. 31)

analisar as manifestações a partir de seu próprio espaço institucional, a partir de suas próprias designações. Esta tendência representaria a imaginação reflexiva de uma elite de teólogos que estabelecem as chaves interpretativas do dogma, assim como dominam a tecnologia da escritura. Sua principal referência para elaborar um discurso são as declarações da hierarquia eclesiástica. (ANDRADE, 2012b, p. 101)

A autora destaca dois momentos deste período: num primeiro momento a década de 1950, onde Kloppenburg atuará como defensor da Igreja Católica contra o Espiritismo na Campanha de Esclarecimento aos Católicos, esta campanha foi criada pelo Secretariado Nacional de Defesa da Fé e da Moral, um órgão da CNBB – (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em 1953. Embora Kloppenburg já orientasse os católicos sobre o Espiritismo desde 1951, como um sermão proferido sobre o tema na Matriz de Petrópolis em 10/05/1951. (SCHIERHOLT, 2008, p. 28)

Lembrando que foram duas frentes de atuação: contra o Espiritismo e contra o Protestantismo nesta campanha, promovida pela recém-criada CNBB. No outro momento, na década de 1960, onde fará parte da comissão do Concílio Vaticano II e responsável pela divulgação deste Concílio no Brasil, como já mencionado anteriormente, desta maneira para Andrade se:

na década de 1950, a diretriz era condenar as manifestações que a instituição considerava anticatólicas ou heréticas. Kloppenburg tornou-se o porta-voz da condenação a essas manifestações e pedagogo do modo de ser católico; na década de 1960, quando o Vaticano II desenvolveu uma postura mais flexível diante do que era considerado pecado grave nos anos de 1950, Kloppenburg tornou-se o porta-voz do diálogo acerca da pluralidade de manifestações e seu consequente processo de conscientização dos brasileiros. (ANDRADE, 2012a, p. 03)

Da leitura dos documentos trabalhados podemos concluir que a formação de Kloppenburg foi bastante marcada pela clericalização. Ou seja, Kloppenburg desde cedo se interessa pelos estudos de teologia dogmática e mesmo que não tenha exercido a função de padre, como professor e também como redator da Revista Eclesiástica Brasileira esteve mais direcionado para os assuntos da Igreja Católica.

Kloppenburg atuou como defensor do Catolicismo de maneira conservadora, seu discurso será fundamentado nos dogmas e

documentos eclesiásticos. Esta postura também estará presente em seu posicionamento frente ao fenômeno espírita, quando Kloppenburg buscará orientar que o Catolicismo e o Espiritismo são doutrinas que não pertencem ao mesmo grupo de ideias, de crenças e desta maneira ao escolher por uma, o fiel terá que negar a outra.

2. A CONSTRUÇÃO DO DEMÔNIO.

2.1. O DEMÔNIO NO DISCURSO CATÓLICO.

O surgimento da presença e da ação do demônio no mundo, para Igreja Católica está relacionado com o pecado original e os anjos decaídos. No Art. 377 do catecismo da Igreja Católica, Deus criou o homem, “livre da tríplice concupiscência, que o submete aos prazeres dos sentidos, à cobiça dos bens terrestres e à autoafirmação contra os imperativos da razão.” (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 108) Para a Igreja, o homem, antes da queda do pecado original tinha domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo.

Da mesma maneira os anjos também possuem liberdade de escolha e alguns deles por vaidade e orgulho se recusaram a servir a Deus e aos seus desígnios. Para Santo Agostinho o anjo é “designação de encargo, não de natureza. Se perguntares pela designação da natureza, é um espírito; se perguntares pelo encargo, é um anjo: é espírito por aquilo que é, é anjo por aquilo que faz. (...) Anjo são servidores e mensageiros de Deus.” (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 97) Para aqueles que se recusaram a servir a Deus

a Escritura e a Tradição da Igreja veem neste ser um anjo destronado, chamado Satanás ou Diabo. A Igreja ensina que ele tinha sido anteriormente um anjo bom, criado por Deus. “Diabolus enim eT alii daemones a Deo quidem natura creati sunt boni, sed ipsi per se facti sunt mali – Com efeito, o Diabo e os outros demônios foram por Deus criados naturalmente bons em (sua) natureza, mas se tornaram maus por sua própria iniciativa.” (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 111)

O homem como prova de amizade com Deus, não poderia comer da árvore, segundo a Igreja uma demonstração de submissão do homem perante a criação, aceitação dos desígnios de Deus. E o homem ao se deixar tentar por satanás “Sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,5), comete o pecado original. É interessante notar “que a doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original adquiriu precisão sobretudo no século V, em especial sob o impulso da reflexão de Santo Agostinho contra o pelagianismo⁹, e no século XVI,

⁹ Doutrina elaborada por um monge inglês chamado Pelágio no século V. Esta doutrina nega o pecado original na natureza humana e o homem escolhe entre o bem e o mal. Para Pelágio o

em oposição à Reforma Protestante”. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 115)

Na doutrina oficial do catolicismo o gênero humano, em função da queda ancestral de Adão e Eva, contraiu o pecado original, desta maneira o batismo salva o homem deste e permite que o homem possa retornar para Deus. Mas para isso o homem deve vencer a sua inclinação para o mal presente em nossa natureza. Desta maneira, “em consequência do pecado original, a natureza humana está enfraquecida em suas forças, submetida à ignorância, ao sofrimento e à dominação da morte, e inclinada ao pecado (inclinação chamada de “concupiscência”)”. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 118)

Embora o demônio atue no mundo e a sua ação cause “danos de natureza espiritual e, indiretamente, até de natureza física, para cada homem e para a sociedade, esta ação é permitida pela Divina Providência” (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 112) Se subentende que a natureza humana tem a liberdade de escolher o seu caminho, para a igreja:

Deus é o Senhor soberano de seus desígnios. Mas, para a realização dos mesmos, serve-se também do concurso das criaturas. Isto não é um sinal de fraqueza, mas da grandeza e da bondade de Deus todo-poderoso. Pois Deus não somente dá às suas criaturas o existir, mas também a dignidade de agirem elas mesmas, de serem causas e princípios umas das outras e de, assim cooperarem no cumprimento de seu desígnio. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 91)

Percebe-se também no discurso da Igreja que existem duas situações que testam as escolhas humanas: uma é a “provação” que é uma situação que Deus prova os homens na intenção de fazê-los alcançar a perfeição da fé, está relacionado com a virtude, onde o homem se aproxima de Deus e se distânciada das coisas terrestres. E a outra situação é a “tentação”, quando o demônio atrai o homem para os prazeres e bens materiais, está relacionado com o pecado e a morte. A tentação se dá nestas situações de provação, quando o demônio se aproxima para tentar o homem contra Deus. (A DIFERENÇA, [s.d]) Portanto deve se distinguir o “ser tentado” do “aceitar a tentação”, para a Igreja não há como servir a “dois senhores”.

homem é o único responsável por seus atos, não dependia da graça divina para conseguir a sua salvação. (AZEVEDO, 2002, p. 286-287)

A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em documento emitido na década de 1970, ratificava o ensinamento tradicional da Igreja Católica sobre o demônio. A ação demoníaca no mundo era reafirmada neste documento. Por outro lado, o documento condenava a interpretação de alguns círculos católicos, segundo a qual o demônio tratava-se apenas de uma personificação do mal, contradizendo os ensinamentos bíblicos. Segundo o documento:

Satanás, a quem Jesus havia afrontado com seus exorcismos, que havia encontrado no deserto e na sua paixão, não pode ser simples produto da capacidade humana de inventar fábulas ou personificar ideias, nem tampouco um vestígio aberrante da linguagem cultural primitiva.” (SAGRADA CONGREGACIÓN, 1976)

Na mesma direção vão as palavras do Papa Paulo VI, que reafirmando a existência do demônio, o qualificava como “o inimigo número um, o tentador por excelência, o pai de toda a mentira”, capaz de introduzir-se em todas as esferas da vida humana, tentando os homens por “meio dos sentidos, da fantasia, da concupiscência”. Da mesma forma o Papa mostra que o demônio pode insinuar-se na vida civil e política através das promessas utópicas (referência indireta ao socialismo marxista). O Papa fala também que o demônio pode agir na estrutura física e psíquica do ser humano. Por outro lado o Papa reafirma que a ação do demônio pode acontecer tanto individualmente, quanto socialmente. E que nem o discurso psiquiátrico, nem o psicanalítico e muito menos as “experiências espíritas” representam alternativas dignas de crédito ao magistério oficial da Igreja sobre o demônio. (PAOLO VI, 1972)

Dom Eugênio de Araújo Sales, repetindo o ensinamento secular da Igreja Católica diz que a oração do Pai Nosso faz menção à existência do demônio: “Mas livrai-nos do mal”, para Dom Eugênio mesmo que esta crença da Igreja Católica esteja sofrendo oposição crítica, não justifica que muitos sacerdotes e teólogos optaram por não falar mais sobre os anjos e os demônios, lembrando que isso não deve acontecer. Deus deu ao homem liberdade de escolha e assim como Jesus, este está sujeito a provas e tentações. (O DEMÔNIO, [s.d])

A Igreja Católica acredita na ação do espírito, assim como Deus auxilia-se de meios humanos para ajudar os homens, do mesmo jeito que acontece por meio do Espírito Santo, o mesmo ocorre com o espírito do mal. Ele também se auxilia de meios humanos para praticar as suas

ações, só que neste sentido, o demônio atua contra Deus, a pessoa não responde por suas ações, estas manifestações espirituais de modo mais crítico podem ser encontradas nos fenômenos de obsessão e de possessão. (CUIDADO, [s.d])

Padre Rufus Pereira ao tratar dos mitos sobre as possessões, fala que em tudo há dois extremos, no caso do demônio: um extremo é dizer que o demônio não existe e o outro extremo são as pessoas que percebem o demônio em tudo, que o acusam por tudo de ruim que acontece, mesmo quando é delas mesmas a culpa. Padre Rufus orienta que a possessão demoníaca é diferente de doenças físicas e mentais. (PADRE RUFUS, [s.d])

Então para a Igreja, negar a existência do demônio, seria como negar a Igreja Católica, pois um dos princípios fundamentais da vida cristã é lutar contra o demônio. A oração do “Pai Nosso” é esta afirmação:

Não nos deixeis cair em tentação: porque corremos a cada dia e a cada momento o risco de negarmos a Deus e de pecarmos, pedimos a Deus que não nos deixe indefesos na violência da tentação; mas livrai-nos do mal: O “mal” no Pai Nosso não se refere a uma força ou uma energia espiritual negativa, mas ao mal em pessoa, que a Sagrada Escritura conhece pelos nomes de Tentador, Maligno, Pai da mentira, Satanás e Diabo. (YOUCAT, 2013, p. 285, grifos nossos)

Desta maneira segundo a Igreja a oração cristã é uma súplica para que Deus fortaleça os católicos em sua fé e não os deixe cair na tentação. O mal para a Igreja é o anjo que se negou a seguir os desígnios divinos e por este motivo também se esforça em perturbar a natureza humana da comunhão com Deus. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 729-732)

O Papa Francisco na homilia do dia 11 de outubro de 2013 também reafirma que o homem precisa estar sempre vigilante as tentações e que leve a sério, porque “o demônio esta sempre à espreita e redobra as suas forças com as nossas fraquezas e debilidades, sobretudo quando não estamos atentos”. (PAPA FRANCISCO, [s.d])

Segundo o discurso teológico da Igreja Católica, a narrativa sobre a queda do demônio alterou todo o projeto de criação de Deus e condenou a natureza humana ao sofrimento e a morte. Ainda para a doutrina da Igreja Católica a salvação do homem foi conquistada pela morte de Cristo na cruz e representa a vitória sobre o príncipe deste

mundo. Por este motivo na teologia católica esta comunhão está presente nos sacramentos que aproximam o homem de Deus (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 222-223) e nos mandamentos que são os fundamentos da vida cristã, ambos instituídos por Deus e que devem ser seguidos como prova de obediência. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 534-538)

Historicamente a construção do imaginário cristão sobre o demônio ganhou força no começo da Idade Moderna. Para Delumeau o diabo pouco aparecia nos primórdios do Cristianismo. A partir de Le Goff, mostra que foi entre os séculos XI e XII que se verificou a primeira “explosão diabólica”. Este medo acompanha, para Delumeau os séculos seguintes. “A emergência da modernidade em nossa Europa ocidental foi acompanhada de um inacreditável medo do diabo”. (DELUMEAU, 1989, p. 259)

2.2. O DEMÔNIO E O IMAGINÁRIO CRISTÃO.

Para Carlos Roberto F. Nogueira, (NOGUEIRA, 1986) o demônio é um fenômeno histórico que está ligado à tradição religiosa hebraica. Quando o judaísmo se torna monoteísta é que se começa a atribuir às forças do mal um poder inferior ao poder de Deus de Israel. No começo não havia uma figura causadora do mal, os hebreus entendiam que eram enviados por Deus, senhor do bem e do mal, espíritos malignos para punir os adoradores de outros deuses. (Ibidem, p. 05-08)

Nogueira demonstra que será no cativeiro da Babilônia, do contato dos hebreus com outros povos, que o demônio ganhará uma forma para os hebreus. Com os caldeus se desenvolverá a hierarquia entre os espíritos do mal e com os persas a luta entre o bem e o mal: o que até então não ocorria no judaísmo. (Ibidem, p. 10-11) Mas será somente no período helenístico, com a tradução das obras sagradas e com a escola neoplatônica que designam o demônio como sendo todos os deuses do politeísmo do antigo Oriente. (Ibidem, p. 14)

Ainda para Nogueira, na doutrina hebraica, satanás promove acusações contra o homem como “no Antigo Testamento do livro de Jó, Satanás representa o mal ao acusar Jó, agora no Novo Testamento, Satanás passa de acusador a tentador, tornando-se o Diabo por

excelência, em sua tradução grega Diábolis – isto é, aquele que leva a juízo.” (Ibidem, p. 09)

Para Nogueira, o cristianismo constrói suas ideias nos textos apócrifos dos hebreus só que com uma interpretação um pouco alterada. No Novo Testamento, o diabo será declarado como inimigo de Deus desde a criação da nova religião. Como o cristianismo busca a vida eterna no paraíso, que representa o reino de Deus, para não padecer no inferno, o homem terá que vencer a tentação. E esta luta será fortalecida com as doutrinas escatológicas segundo Nogueira. (Ibidem, p. 16-18)

Neste sentido a doutrina cristã se sustentará sobre a existência do demônio e alguns dos dogmas centrais passam a ser explicados pela queda dos espíritos maus, pelo pecado original e pelo perdão dos pecados na morte de Cristo na Cruz. (Ibidem, p. 20) Com a diferenciação entre os anjos e demônios, fenômenos naturais passam a ser explicados até a Idade Média como ações de ambos os espíritos e o diabo (líder dos demônios) para explicar os problemas entre o mundo material e o mundo espiritual.

Esta imaginação doentia sobre os espíritos do mal vai ganhar força quando o cristianismo se legitima como a religião oficial, afirma Nogueira. Porque no primeiro momento os cristãos encaravam a ação do demônio como uma afirmação do homem sobre o mesmo. Ou seja, a tentação do demônio era permitida por Deus para que o homem pudesse derrotá-lo. (Ibidem, p. 24-25) De certa maneira esta afirmação no catecismo da Igreja Católica ainda é válida, porque a provação é vista como crescimento espiritual e a tentação como oportunidade para vencer o demônio em suas ações. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 730)

Com a imposição do Cristianismo no Império Romano, muitos deuses e deusas foram substituídos por santos católicos e pela Virgem Maria, assim como os rituais passaram a ter outro significado. Nogueira lembra que ao longo do tempo “na vida privada, no cotidiano dos indivíduos, as velhas superstições se perpetuavam com toda a liberdade e enraizavam-se sob o olhar complacente da instituição.” (Ibidem, p. 29) E que na Idade Média esta permanência será tratada como herética. A heresia passará a ser responsável pelo poder e permanência do diabo na terra.

Esta permanência causará no imaginário das pessoas, a existência de uma maquinação sobrenatural por parte dos espíritos maus, na qual o homem deveria estar atento “a presença real e continua

do Diabo em todos os instantes da existência humana.” (Ibidem, p. 32) Até porque se entendia que os demônios eram espíritos com corpo etéreo que se materializava e com conhecimento das causas naturais.

Será um conflito entre matéria e espírito, das virtudes contra os vícios, onde os cristãos precisam vigiar para não terem suas almas roubadas. O medo para Nogueira estará relacionado com as aflições do corpo e da alma causadas pela ação do demônio e o discurso do poder do demônio acaba se tornando realidade no imaginário coletivo dos cristãos. “Este medo será avivado por diversos acontecimentos que se sucedem, como no século XIV, a crise do sistema feudal, as cruzadas” (Ibidem, pg. 71) e especialmente pelas Reformas da Igreja Católica no século XVI.

Nogueira trata que a Igreja Católica com a pedagogia do medo em seu discurso, tornou real a figura do demônio. Delumeau mostra que na Idade Moderna os medos da cultura popular serão substituídos pelos medos teológicos da Igreja Católica e Protestante.

O discurso eclesiástico reduzido ao essencial foi com efeito este: os lobos, o mar e as estrelas, as pestes, as penúrias e as guerras são menos temíveis do que o demônio e o pecado, e a morte do corpo menos do que a da alma. Desmascarar Satã e seus agentes e lutar contra o pecado era, além disso, diminuir sobre a terra a dose de infortúnios de que são a verdadeira causa. Essa denúncia se pretendia, pois, liberação, a despeito, ou melhor por causa, de todas as ameaças que fazia pesar sobre os inimigos de Deus desentocados de seus esconderijos. Numa atmosfera obsidional, a Inquisição apresentou tal denúncia como uma salvação. Esta orientou suas temíveis investigações para duas grandes direções: de um lado, para bodes expiatórios que todo mundo conhecia, ao menos de nome, heréticos, feitiçeiros, turcos, judeus etc.; de outro, para cada um dos cristãos, atuando Satã, com efeito, sobre os dois quadros, e podendo todo homem, se não tomar cuidado, tornar-se um agente do demônio. Daí a necessidade de um certo medo de si mesmo. (...) Ter medo de si era, afinal, ter medo de Satã. Ora, Satã é menos forte que Deus. Assim, os conselheiros espirituais do Ocidente, empregando uma pedagogia de choque, esforçaram-se em substituir por medos teológicos a pesada angústia coletiva. (DELUMEAU, 1989, p. 32-33, o grifo é nosso)

Em seu livro, Delumeau mostra uma mentalidade cercada de medos e inquietações e também uma cultura de “cristandade” sitiada por

outros pensadores que começam a apresentar respostas além dos teólogos católicos sobre o universo, Delumeau aponta que os teólogos julgavam seu dever fazer as pessoas ignorantes conhecerem nas pregações e no catecismo a presença do demônio que agora ressurgia de seus esconderijos para liderar a destruição do mundo.

Desde o início da Idade Moderna a preocupação não será somente com o perigo turco além das fronteiras e de fora, mas o perigo presente dentro da própria praça como os católicos, os reformadores, os judeus e a cultura popular que passará a ser condenada por algumas práticas tradicionais que misturava o sagrado e o profano, entendidas como um magismo cristão e que apesar de toda a vigilância religiosa, estas práticas permanecem ao longo da história no campo, presente nas festas, nas orações e nas bênçãos.

A adivinhação que durante a Idade Moderna funcionava como uma garantia de proteção e prevenção das pessoas em relação ao amanhã será muito tratada pelos teólogos religiosos e pensadores deste período. A astrologia um tipo de adivinhação será reconhecida na Renascença como um conhecimento racional e erudito, porque através dos estudos dos astros e das estrelas o homem poderia se beneficiar destes meios para prevenir o futuro. (DELUMEAU, 1989, p. 76)

A Igreja Católica tinha como objetivo controlar estes comportamentos mágicos dos vários públicos e níveis culturais, se nos debates eruditos a astrologia ganhou autoridade, nas práticas populares de adivinhação como a necromancia, a quiromancia, a cleromancia, entre outros serão condenados como pecados. (DELUMEAU, 1989, p. 82-83)

Portanto todas as práticas que não fossem consideradas oficiais pela Igreja Católica e pelos reformadores passam a serem denominadas como demoníacas, desta maneira, consideradas também como heréticas. Neste contexto Delumeau observa que 96 categorias foram criadas pelo direito canônico e o direito civil para nomear quem praticava a heresia, o que para Delumeau tem uma coerência interna para este medo.

Em uma situação de estado de sítio, no caso, a ofensiva demoníaca que duplica sua violência antes dos prazos apocalípticos, o poder político-religioso, que se sente frágil, é levado a uma superdramatização e multiplica à vontade o número de seus inimigos de dentro e de fora. De maneira significativa, o Fortalicium fidei intitula-se "A fortaleza da fé: contra os heréticos, os judeus, os maometanos e os demônios". No espaço católico a

secessão protestante não fará senão levar a seu paroxismo o medo da subversão da fé, já muito vivo anteriormente, e a tendência a integrar ao universo da heresia todas as categorias de suspeitos. (DELUMEAU, 1989, p.395)

O medo do herético vai redobrar a vigilância sobre o outro e o batismo será responsável pelo aumento deste número de heresias, porque a imposição deste em muitos países católicos e países protestantes, exigia que estes novos convertidos passassem a aceitar os novos ensinamentos e os ritos cristãos, os maus convertidos ou a negação da conversão motivou diversas condenações por heresia tidas como traição em relação a Deus.

Estes heréticos denominados como agentes do demônio além de traírem a Deus também passam a serem acusados pelos tribunais eclesiásticos e o civil de colocar toda a sociedade em risco, Delumeau chama a atenção que na Idade Moderna o procedimento inquisitorial gerara “um conflito entre a sociedade e o indivíduo: daí a severidade, ou até mesmo a atrocidade de sentenças que se pretendiam exemplares.” (DELUMEAU, 1989, p. 357) Porque processos antes julgados na esfera privada passam para a esfera pública e o indivíduo passa a ser responsável pelos danos ocasionados ao seu redor, assim como por provocar a ira de Deus sobre o coletivo, por isso a punição era necessária para o bem coletivo.

Como herético podemos entender todo aquele que não está de acordo com a ideia do senso comum e por este motivo deve ser excluído do grupo, esta perseguição aos heréticos será criticada por alguns pensadores, como podemos ver no Tratado dos heréticos de Castellion: “vemos que quase não há nenhuma dentre todas as seitas (que hoje são incontáveis) que não tenha as outras como heréticas: de modo que se nesta cidade ou região és considerado verdadeiro fiel, na próxima serás considerado herético”. (Apud DELUMEAU, 1989, p. 403) A reprodução entre quem era bom e quem era mau será um divisor no imaginário moderno, a cultura popular para Delumeau passa a ser perseguida por práticas cotidianas que se tornam heréticas por não seguir o pensamento oficial religioso da época, seja da Igreja Católica ou da Igreja Protestante.

Delumeau afirma que o demônio ganhará no Renascimento uma importância e difusão nunca antes alcançada e que a partir do século XIV o medo escatológico especialmente com a Reforma Protestante começa a ser divulgado através da imprensa e da literatura agravando o

medo da morte e do pecado, recebendo uma representação cada vez mais rica e mais trágica sobre o inimigo de Deus. Tudo isso somado a visão do inferno, fortalecia a luta de uma crença sobre a outra, com a justificativa de que era necessário combater as heresias originadas pelas forças do maligno, para salvação dos cristãos.

Ao abordar sobre o demônio, Delumeau concorda que os mesmos não podem tentar os homens sem a permissão de Deus, que o demônio não pode interferir nas causas sobrenaturais como chamar os mortos ou adivinhar o que o futuro reservava para os homens, que seu poder era limitado. Em relação a discussão da época se o demônio era um ser corpóreo ou espiritual, Delumeau observa que o discurso religioso atribui ao demônio forma espiritual, assim como muitos autores da época concordavam com “Santo Agostinho ao dizer que, se os demônios foram condenados ao inferno, um certo número deles sai dali para provar os homens. Vivem portanto no ar “tenebroso”, em nossa proximidade imediata”. (1989, p. 250)

A ideia de o pecado original ter conferido ao demônio título de “príncipe deste mundo” foi também corroborada pelos protestantes, porque o demônio ao usurpar o poder que estava reservado ao homem dá início a um combate entre o homem e o demônio. Outra ideia aceita pelos teólogos religiosos é que na hora da queda o demônio manteve seus conhecimentos sobre as causas naturais e que se utilizava destes para atormentar o homem, conferiu ao demônio maior poder. No livro do Maleus se encontram as seguintes palavras sobre o demônio “que por sua força podem deslocar corpos, podem por esse movimento atingir as idéias e os humores, portanto também a função natural, quero dizer, a maneira pela qual certas coisas são vistas pelos sentidos e pela imaginação.” (Apud DELUMEAU, 1989, p. 250-255)

O termo ilusão que aparece no Maleus para definir a ação do demônio de induzir o homem a acreditar que ele realizou fenômenos sobrenaturais, correspondera ao discurso religioso, onde o demônio não pode interferir nas causas humanas sem permissão de Deus, mas pode ao menos perturbar e esta é a sua finalidade. Esta ilusão provocada pelo demônio para Lutero era um jogo, como no caso das feiticeiras.

Pois aquilo que desarranjou com seus malefícios, pelo que se diz, ele pode curar. Mas em geral ele cura fazendo parecer que a pessoa tenha recuperado o olho ou um outro membro ferido. Pois não havia ferimento, mas ele zombava dos sentidos daqueles que enfeitçava ou daqueles que viam

suas vítimas, a ponto de eles não pensarem em uma ilusão.
(Apud DELUMEAU, 1989, p. 256)

A cultura popular não conhecia este demônio tentador e sobrenatural como era para os teólogos religiosos, acreditavam no poder que algumas pessoas tinham sobre coisas naturais e sobre os malefícios presentes no cotidiano doméstico. Lutero assim como a Igreja Católica denominavam estas práticas mágicas como ações demoníacas, considerados cristãos ignorantes, faziam parte do jogo porque mesmo que o demônio habitava o subterrâneo, seus agentes residiam o nosso mundo ou pelo menos circulavam por ele. E o discurso religioso no século XVI identificara as feitiçeras como uns dos agentes deste jogo maquiavélico ao tentar enganar o homem como se realmente tivesse ocorrido um fenômeno sobrenatural.

Delumeau explica que a mulher era na maioria das vezes detentora dos conhecimentos tradicionais e domésticos, por isso o maior número de mulheres. Respeitada por seus poderes ela poderia tanto proteger uma lavoura dos malefícios como prejudicar a lavoura de um vizinho por vingança. Esta dualidade dentro de um contexto nada pessimista fez com que as feitiçeras da cultura popular entrassem em choque com um demônio da cultura elitista.

A distância aumentada entre as duas culturas parece ter reforçado a repulsa da elite pelos incompreensíveis comportamentos de uma massa camponesa que se lhe tornava cada vez mais estranha. Essa alteridade engendrou agressividade e, (...) uma necessidade humana de se validar como bom e normal e de invalidar outrem como mau e anormal. Os processos de feitiçaria foram uma autodefesa da ética dominante contra uma prática coletiva que a julgava em contrário e que serviu de bode expiatório.
(DELUMEAU, 1989, p. 387)

Essa repulsa para Delumeau se dá com a Reforma Protestante, porque o poder religioso e o poder civil passam a ser mais severos com as heresias e para afastá-las de dentro da sociedade é empregado tanto pela Igreja Católica como pelos Reformadores a vigilância dos comportamentos morais e religiosos. As práticas de enfeitiçamento nesta situação representam o que é mau e anormal, pois estão vinculadas ao demônio e ao pecado.

Os costumes da população serão cercados por normas que procuraram a equalização entre os comportamentos prescritos e dos comportamentos vividos para torná-las mais cristãs. Portanto as

condenações e ameaças para Delumeau só acalmam quando os significados teológicos e as normas religiosas demarcam seus espaços, quando as heresias não tem mais espaço, porque os ensinamentos anunciados tornam-se aceitos como verdade e segurança e que fora deste ambiente vigiado o perigo era certo. (DELUMEAU, 1989, p. 401)

Delumeau mostra que a partir do momento que o Estado e a Religião conseguiram controlar seus conflitos internos, o outro deixou de ser uma ameaça, o demônio começou a ser dominado e a ordem moral substituiu os medos. Que o medo do enfeitamento enfraqueceu quando o medo teológico sobre o demônio começou a cessar, ou seja, para Delumeau, quando o padre católico ou os reformadores se tornam conselheiros da população, as feiticeiras perdem seu posto de poder. (DELUMEAU, 1989, p. 418-419)

3. O DISCURSO CATÓLICO SOBRE A AÇÃO DEMONÍACA NO ESPIRITISMO.

3.1. O ESPIRITISMO PARA FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG.

O discurso de Kloppenburg em relação ao Espiritismo será marcado pelo discurso autoritário. Como voz autorizada pela Igreja Católica para falar sobre o Espiritismo, Kloppenburg torna-se o representante da voz de Deus no Brasil na década de 1950 no qual se baseará nos documentos eclesiais da Igreja para se manifestar sobre o Espiritismo.

Neste capítulo estaremos analisando como Kloppenburg explica os fenômenos espíritos e o papel do demônio no Espiritismo. Kloppenburg aceita que todos os espíritos podem com autorização de Deus se comunicar com os homens, o que para ele também pode ser chamado de um fenômeno espírita.

Segundo Kloppenburg, o Espiritismo só veio confundir os cristãos ao afirmar que o próprio homem pode evocar os espíritos, prática esta condenada por Deus segundo as Escrituras. Kloppenburg em seu discurso defenderá que o Espiritismo no Brasil é um fenômeno contrário aos dogmas da Igreja Católica que coloca em dúvida a palavra divina e que assim como em

todos os tempos, países e povos tiveram as suas heresias. E isso já desde os albores do cristianismo. Basta ler as epístolas apostólicas. É o joio do "inimicus homo" (Mt 13,28). As heresias têm sido e continuam a ser as armas mais potentes das "portas do inferno" para prevalecer contra a Igreja de Cristo (Mt 16, 18). Sabemos, por garantia divina, que não vencerão. Mas sabemos igualmente que tudo furão para predominar e que, por isso, sempre seremos "Igreja militante". E, se é verdade que a Igreja continuará invicta a sua marcha através dos séculos, a história, contudo, nos ensina também que ela pode ser afastada de determinados países. Escreveu S. Paulo que "é necessário que venham heresias, para que se manifestem aqueles que são de virtude comprovada" (1 Cor 11,19). Pois a fé é uma virtude. E a virtude se mostra nas contrariedades: a heresia é o cadinho da virtude e da fé. A palavra heresia vem do grego háiresis, que quer dizer: escolha, seleção, preferência. Significava originariamente (sic) uma doutrina ou atitude doutrinária oposta ao ensinamento comum. (KLOPPENBURG, 1952b, p. 85)

A heresia no discurso católico está associada à tentação causada pelo demônio ao longo da história e em vários lugares manifestadas em outras crenças para comprovar a fé católica. A Doutrina Espírita, para Kloppenburg, se apresenta atualmente (1950) como este, inimigo da Igreja no Brasil, e de uma maneira desleal segundo Kloppenburg, porque seu objetivo seria a propaganda da doutrina, de todas as formas e meios possíveis. Para entendermos melhor a posição de Kloppenburg frente ao Espiritismo, achamos melhor transcrever uma passagem em que Kloppenburg trata deste objetivo espírita:

Sendo o Brasil um país tradicionalmente católico, os espíritas, de acordo com aquele princípio propagandístico ditado pelo “espírito da verdade”, se apresentam como católicos e cristãos. Começam por dizer que o Espiritismo não é religião; que é apenas uma ciência que estuda o mundo dos espíritos e a natureza dos fenômenos mediúnicos; mas que não se metem em coisas de religião; que eles não combatem crença alguma; que eles também são cristãos ou católicos; que o católico, para ser espírita, não precisa deixar de ser católico; que, afinal, todas as religiões são boas, contanto que se faça o bem e se pratique a caridade; que eles respeitam todos os credos, etc. E, para mostrar esse seu respeito pelas nossas tradições religiosas, vieram dando nomes de Santos aos centros e às tendas espíritas; nos próprios centros foram expondo imagens de Cristo Crucificado e de outros Santos nossos; nas sessões espíritas chegam a rezar até mesmo direitinho as nossas orações: o Padre-Nosso, a Ave-Maria, o Credo, a Ladainha de Nossa Senhora, a Salve-Rainha e outras; falam muito em Cristo, exaltando a sua personalidade, enaltecendo os seus ensinamentos morais; citam com muita piedade alguns textos escolhidos da Sagrada Escritura; para melhor confundir o espírito de nossa gente boa, mas incauta e ignorante das coisas religiosas, aconselham aos novatos que continuem a praticar a religião católica, que recebam a SS. Eucaristia (dispensando-os, todavia, da confissão), que acompanhem as procissões, que rezem a Santo Antônio que era também um grande médium, mas que não deixem de, ao mesmo tempo, frequentar as sessões espíritas, onde já vão distribuindo os livros doutrinários do Espiritismo de Kardec (...), para assim, pouco a pouco, ir instilando e injetando o veneno mortal da verdadeira Doutrina Espírita. Na verdade: “Servimos-nos de seus termos e aparentamos abundar nas suas idéias é para que (o frequentador) não fique de súbito ofuscado (com a nossa doutrina fundamentalmente diversa) e não deixe de

se instruir conosco". (KLOPPENBURG, 1952b, p. 95-96)

Podemos perceber através da fonte que o Espiritismo, para Kloppenburg, se utilizava de elementos da doutrina católica para promover a sua (propaganda) inserindo-o dentro de sua doutrina. Como no caso de Santo Antonio, um elemento de grande popularidade no catolicismo brasileiro, porém colocando-o como um grande médium.

O hibridismo¹⁰ brasileiro e a rápida propagação do Espiritismo preocupará Kloppenburg fato é que chamará a atenção em 1952 sobre os dois últimos censos brasileiros que indicam que de 1940 para 1950 no Distrito Federal houve um aumento de aproximadamente 48% de espíritas professos, não estando incluídas as outras religiões mediúnicas, e em março deste mesmo ano começa a escrever na Revista Eclesiástica Brasileira sobre o Espiritismo Kardecista e o Espiritismo Umbandista. (KLOPPENBURG, 1952b) Kloppenburg coloca como causa do problema espírita no Brasil 38 fatores que promoveram ou permitiram a sua difusão na qual destacamos alguns que são a propaganda, a predisposição do povo, cultura afro-brasileira, catolicismo folclórico, contato direto com o mundo dos espíritos, o mistério, proteção contra os males, a curiosidade, a maçonaria, o curandeirismo, o apoio dos governantes, a caridade, a aparência científica, a fachada cristã e a falta de ação clara e uniforme da parte do clero para a orientação católica sobre o Espiritismo. (KLOPPENBURG, 1960, p. 30-42)

Kloppenburg passa a condenar o comportamento das pessoas que se afirmam católicas praticantes, mas que ao mesmo tempo frequentam os Centros Espíritas, para Kloppenburg este comportamento é originado pela ignorância religiosa das pessoas. A maneira como o Espiritismo se apresenta como não sendo uma religião e sim uma ciência, também será muito debatida por Kloppenburg em seu discurso, usando muitas vezes a expressão “é o lobo em pele de ovelhas” para se referir a este recurso propagandístico. Afirmando que o Espiritismo se considera como a Terceira Revelação de Deus, ou seja, uma nova religião, prosseguida pelos espíritos verdadeiros por meios dos médiuns.

Ainda para Kloppenburg um dos ensinamentos do Espiritismo será a negação dos dogmas católicos, esta declaração dentro do contexto

¹⁰ O termo hibridismo é aqui usado na acepção de Canclini. Ou seja, como uma forma de sincretismo, no qual os agentes conservam a faculdade identiária. (CANCLINI, 1997)

de interrogações sobre os mistérios e o sobrenatural como os sacramentos instituídos pela Igreja abrirão brechas sobre a doutrina católica. Desta forma o Espiritismo nega um dos ensinamentos chaves do catecismo católico, a crença nos novíssimos (a morte, o juízo, o paraíso e o inferno);

A morte, portanto, não tem um caráter definitivo, nem haverá depois juízo particular. Quem não conseguiu aperfeiçoar-se agora, alcançá-lo-á em encarnações posteriores. Só há progresso e ninguém pode regredir. Pecado original não existe: o que há são os pecados cometidos em vidas anteriores. Esses pecados de vidas anteriores são também a causa e a explicação do problema do mal: todas as aparentes anomalias e injustiças se explicam por aí. (KLOPPENBURG, 1952b, p. 92)

A morte e o pecado para a doutrina da Igreja Católica e para os fundamentos espíritas têm significados totalmente contraditórios¹¹. Estes dois são um dos exemplos que para Kloppenburg a racionalidade científica do Espiritismo entra em choque com os ensinamentos da Igreja Católica. Neste sentido, para Kloppenburg mesmo que o Espiritismo diga que não se mete nas coisas da religião, que não combate nenhuma crença e que para ser espírita, não precisa deixar de ser católico, ao negar o pecado original e defender a reencarnação o Espiritismo está negando a doutrina católica.

Para defender a doutrina Católica do Espiritismo, Kloppenburg conclamará uma campanha de esclarecimento nacional contra o Espiritismo com o objetivo de proteger a palavra e os mistérios de Deus da heresia espírita. Kloppenburg chama a atenção que muitos padres em suas comunidades não estavam dando muita importância para o Espiritismo, acusando que alguns deles impediam que se pregasse sobre

¹¹ Para os católicos a morte é o fim da peregrinação terrestre do homem, tempo que Deus concedeu para o homem realizar sua vida terrestre conforme o projeto divino e decidir seu destino último. No momento da morte o homem será julgado e a sua alma poderá ir para o purgatório (meio de purificação), para o reino de Deus (felicidade eterna) ou para o inferno (condenação eterna). Para os católicos a morte ocorre somente uma única vez. (IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 285-288)

Para o Espiritismo a morte não é o fim último, se sabe que a vida futura é a continuação da vida presente, só que em melhores condições. A reencarnação é o retorno para o espírito progredir espiritualmente até chegar ao grau de perfeição, ao apogeu da felicidade. (KARDEC, 2005, p. 22-28)

a heresia espírita e outros por não conhecerem a doutrina espírita nem suspeitavam que a mesma fosse uma heresia.

Assistir de braços cruzados à insidiosa propaganda espírita, é permitir a paganização do Brasil; é consentir que se arruine e destrua o que os nossos avós construíram e sempre defenderam com impávido valor; é tolerar que o demônio tome conta das almas dos nossos irmãos; é facilitar a derrocada espiritual e cultural de nossa pátria. Isso não pode ser. É por isso que devemos alertar o povo, que devemos insistir em apresentar a face verdadeira e desmascarada do Espiritismo. (...) O caráter herético do Espiritismo não está tanto no modo como eles explicam a natureza e a origem dos tais fenômenos, mas está no conteúdo e na doutrina das mensagens e comunicações que eles propalam ter recebido do além-túmulo. (KLOPPENBURG, 1952b, p. 110-111)

A atuação de Kloppenburg contra o Espiritismo ganhará força em setembro de 1953 quando é lançada a “Campanha de Esclarecimento Nacional contra a Heresia Espírita”, que terá Kloppenburg como chefe da Seção Anti-espírita do Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral. A campanha para Kloppenburg é de grande importância, pois esta, ao ser adotada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil adquire abrangência nacional levando o discurso antiespírita de frei Boaventura Kloppenburg para todo o Brasil e reafirmado entre os fiéis a escolha entre o Catolicismo e o Espiritismo.

Com isso entramos numa nova fase de luta contra este perniciosíssimo câncer nacional, o Espiritismo Brasileiro, que tanto mal espiritual e psíquico e tanta confusão religiosa e doutrinária vem produzindo entre os milhões de fiéis a nós confiados. A clara reafirmação do Episcopado Brasileiro de que <<os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno como no foro externo, como verdadeiros hereges e fatores de heresias>>, como também os numerosos elementos da Campanha agora oficialmente lançada pelo mesmo Episcopado, nos oferecem não apenas a garantia e o apoio certo da Autoridade Eclesiástica, indispensável em campanhas dessa natureza, mas sobretudo nos dão uma base segura e orientação uniforme para todo o imenso território nacional. A condenação oficial do Espiritismo como heresia e de seus pertinazes adeptos como hereges aí está (...). O que precisamos fazer agora é agir. E agir com decisão, apostolicamente. (COMUNICAÇÕES, 1953a, p.655)

Kloppenburg declara que não poupará esforços e pede para que todo o clero tenha consciência de seu dever e, portanto participe desta Campanha de Esclarecimento:

até termos a certeza de que todos os católicos brasileiros saibam que não podem ser espíritas e que os espíritas não são católicos. É, porém, indispensável a franca colaboração dos colegas no sacerdócio. As declarações do Episcopado não permanecerão apenas no programa, nem continuarão palavras mortas: Comprometemo-nos a oferecer a todos o material necessário para essa urgente campanha de esclarecimento. Mas depende dos colegas no ministério não deixá-lo aqui como material morto. Ou a Campanha se fará com a ajuda efetiva de todo o clero, dos vigários, dos missionários populares e de todos quantos trabalham no sagrado ministério, ou a campanha não se fará. (...) E é isso que visamos: construir o dique que faltava, separar os espíritas, delimitar os campos, acabar com a confusão católico-espírita. É o mais urgente. (COMUNICAÇÕES, 1953a, p.656)

Podemos destacar algumas das atividades realizadas durante a Campanha de Esclarecimento.

Esquemas de pregações sobre a heresia espírita; Refutação das acusações mais gerais que os espíritas movem contra a Igreja; Projeto de juramento anti-espírita a ser exigido dos membros das Associações Religiosas; Esclarecimentos sobre o pecado de magia, superstições e o sentido dos sacramentos; Sugestões concretas sobre o modo de aproveitar o Dia de Finados e as Missas de defuntos, para instrução sobre a morte e a vida eterna; Estudo documentado sobre o modo como os espíritas violam a art. 284 do Código Penal Brasileiro; Folhetos de divulgação, entre o povo, sobre a inutilidade e proibição de evocar os mortos; Modelos de folhetos, folhas avulsas, cartazes e dísticos a serem difundidos amplamente por todo o país, informando que é impossível ser, ao mesmo tempo, católico e espírita; Programas de rádio e de alto-falante com material variado, que vá desde o simples slogan às mesas redondas ou sketches sobre Espiritismo; Artigos, sueltos e noticiários para jornais, católicos ou não. (COMUNICAÇÕES, 1953a, p.656-657)

Estas medidas adotadas, por exemplo, em relação ao esclarecimento sobre o pecado de magia, as superstições e o sentido dos sacramentais, são afirmados pela Igreja Católica, pois:

há, no nosso povo, uma tendência pronunciada para uma religiosidade sensível e miraculosa. Em si é natural ao homem a tendência para o sensível. Mas em vista da

ignorância religiosa, ela tem, entre nós, um aspecto demasiadamente forte e mesmo doentio, com grande prejuízo dos verdadeiros valores espirituais, internos e supra-sensíveis. (KLOPPENBURG, 1953c, p. 849)

Por este motivo foi recomendado pela Igreja que fossem aproveitadas as devoções populares para instruir o povo e proibir o que estava sendo explorado pelo Espiritismo, como promover o:

incremento à devoção ao Divino Espírito Santo, ao Senhor Bom Jesus, a Nossa Senhora, aos anjos e às almas do Purgatório, como antídoto ao florescimento das superstições espíritas. Por que precisamente estas mencionadas devoções? Por dois motivos: 1) Porque se trata de devoções muito católicas e que já são populares no Brasil; 2) porque os espíritas, negando o augusto mistério da SS. Trindade, a divindade de Cristo, os privilégios de Nossa Senhora, a existência dos anjos e o purgatório, dificilmente poderão acompanhar-nos nestas devoções e fácil será desmascará-los, com os próprios livros espíritas em mão. (KLOPPENBURG, 1953c, p. 850)

Kloppenburger diz que se baseou na Pastoral Coletiva de 1915 para agir contra o Espiritismo, que segundo ele toda a base já estava pronta, “mas permanecera letra morta. Agora não seria assim. Procuraria traduzir a letra que aí estava, clara, enérgica, escrita pelas Autoridades Eclesiásticas que souberam cumprir com seu dever em ação imediata”. (BISPO, [s.d], p. 518) Também na 1ª Sessão Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – (CNBB) que originou a campanha foram reafirmados os artigos 65, 66 e o 1194 da Pastoral Coletiva de 1915 do Episcopado Brasileiro, todos os três artigos abordavam a questão do Espiritismo.

Art. 65 – O Espiritismo é o conjunto de todas as superstições e astúcias da incredulidade moderna, que, negando a eternidade das penas do inferno, o sacerdócio católico e os direitos da Igreja católica, destrói todo o cristianismo. Os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno como no foro externo, como verdadeiros hereges e autores de heresia, e não podem ser admitidos à recepção dos sacramentos, sem que antes reparem os escândalos dados, abjurem o espiritismo e façam a profissão de fé. Art. 66 – Os Revs. Párocos e confessores instruam e repreendam os fiéis que pensam lhes ser lícito frequentar as sessões espíritas, por não terem ouvido nunca as coisas torpes ou ímpias, pois é clara e decisiva a resposta do Santo Ofício a este respeito: Toda e qualquer participação, sob qualquer pretexto, é gravemente proibida (24 de Abril de 1917). E lhes declarem que todos os escritos, jornais,

revistas e livros do espiritismo são proibidos. Art. 1194 – Mandamos que em todos os Seminários se preparem os alunos, nas aulas de teologia e apologética, para o combate eficiente contra o Espiritismo e demais erros. (DOCUMENTAÇÃO, 1953b, p. 764)

Para reforçar esta cruzada antiespírita Kloppenburg se apoiou também nas normas do Direito Canônico da Igreja Católica que tratam dos hereges e quais as penas que estas normas determinavam, como: a excomunhão da Igreja Católica, a proibição aos sacramentos sem antes abnegar do Espiritismo, os filhos de pais espíritas não podem receber o batismo salvo em perigo de morte, os espíritas também não podem ser padrinhos ou madrinhas de batismo e de crisma, devem ser rejeitado o enterro eclesiástico aos espíritas, assim como é proibido contrair casamento com os espíritas. (KLOPPENBURG, 1957, p. 103-104) Estas determinações coagiam os católicos que ainda buscavam nos sacramentos a presença de Deus e o remédio espiritual. Kloppenburg entendia que deste modo destruiria o hibridismo católico-espírita e manteria a ortodoxia da religião católica no Brasil.

A Editora Vozes também foi a grande parceira na campanha contra o Espiritismo, com publicações de livros, cadernos e folhetos, como lembra Kloppenburg em 1953 “Já combinamos com a Editora Vozes Limitada lançar uma série de brochuras com o título geral: <Campanha Nacional contra a Heresia Espírita>”. (COMUNICAÇÕES, 1953a, p. 657) Kloppenburg publicou os seguintes cadernos: Por que a Igreja condenou o Espiritismo, Material para instruções sobre a Heresia Espírita, Resposta aos Espíritas, Posição Católica perante a Umbanda, O Livro Negro do Espiritismo, Galileu Galilei à luz da história e da astronomia e os folhetos: Por que o Católico não pode ser Espírita, Por que não admito a reencarnação e O católico perante a Umbanda.

Em 1959 o Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral amplia a série “Contra a Heresia Espírita” que continha oito cadernos para atingir 35 cadernos, esta série passará a se chamar “Vozes em defesa da Fé”. Destes cadernos Kloppenburg escreve quatro: O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (nº 9), As Sociedades Teosóficas (nº 11), Nossas Superstições (nº 34), Astrologia, Quiromancia e Quejandos (nº 35) e em 1960, o livro O Espiritismo no Brasil: orientação para os católicos.

3.2. COMO FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG EXPLICA OS FENÔMENOS ESPÍRITAS.

Para Kloppenburg o entrave entre a Igreja Católica e a Doutrina Espírita é a evocação dos espíritos por intermédio dos médiuns. Desta maneira o discurso de Kloppenburg persegue que os católicos tenham consciência de que esta prática é condenada por Deus.

Portanto, muito antes de surgirem as modernas seitas “espiritualistas” (Espiritismo, Teosofia, Esoterismo, Maçonaria, Rosacruzianismo, Umbanda, Eclétismo, etc), já eram os cristãos estrênuos defensores do “espírito” e do “espiritualismo”. Sob este aspecto todas estas numerosas e confusas seitas “espiritualistas” nada trouxeram de novo, a não ser a confusão e a pretensão de quererem provocar, por iniciativa do homem, uma comunicação perceptível e regular com os espíritos. Mas também esta última pretensão foi uma tentação constante para a humanidade, sobretudo nos povos menos cultos e atrasados, a ponto de existir já no Antigo Testamento uma proibição divina e formal de evocar os espíritos ou as almas dos mortos. (KLOPPENBURG, 1960, 170)

Em relação aos resultados da evocação sobre os espíritos, Kloppenburg fala que não é de interesse da igreja, não interessa saber se é possível evocar ou não os espíritos, o que interessa distinguir, é que:

a comunicação espontânea dos espíritos com os homens, coisa ordenada por Deus e própria dos cristãos, e a comunicação provocada dos homens com os espíritos, coisa proibida por Deus e própria dos espíritas. No primeiro caso temos o milagre, no segundo caso temos o fenômeno espírita. (KLOPPENBURG, 1960, p. 171)

Desta maneira Kloppenburg explica que os milagres operados por Cristo são sinais que têm a finalidade de lembrar o homem o poder de Deus e fortalecer a fé dos católicos.

É, portanto, um fato perceptível, preternatural e ordenado por Deus. Como fato perceptível ele pode ser examinado e estudado; como fato preternatural ele ultrapassa ou transcende as forças naturais (materiais); como fato ordenado por Deus ele tem sempre uma finalidade precisa: ser um “sinal” para provar e lembrar ao homem que, “além” deste mundo visível em que ele vive, existe um outro mundo superior e imortal. Por sua natureza o milagre é um selo divino, a garantia da origem divina de uma mensagem. Deus pode, sem dúvida, comunicar-se com os homens, seja diretamente por si, seja indiretamente por

sua criatura racional (“anjo” quer dizer: enviado). Mas como poderia o homem saber se ele está tendo uma mensagem divina? Qual o critério de discernimento? O único critério, o único “sinal” divino, apenas poderá consistir num efeito que só Deus pode produzir. Por isso dizemos que o milagre deve ultrapassar as causas naturais. Pois enquanto houver alguma causa natural capaz de explicar o efeito, não há garantia nenhuma para afirmar a atuação e a presença de Deus. Aí está toda a razão de ser do milagre. (KLOPPENBURG, 1960, p. 171)

Kloppenburg argumenta que os milagres, assim como “todo e qualquer caso surpreendente e extraordinário, autêntico ou imaginado, natural ou preternatural, humano, divino ou diabólico, dentro ou fora da Igreja (...), em sua primeira fase de investigação, será apenas e provisoriamente um “fato maravilhoso””. (KLOPPENBURG, 1960, p. 61-62)

Os fatos maravilhosos como as curas e os fenômenos que ocorrem nos centros espíritas, foram debatidos por Kloppenburg como originados de diversos agentes naturais, como as mentiras e os boatos, pelas fraudes, pelas falsas recordações, pelas impressões subjetivas, pelas ilusões, pelas alucinações, pela histeria, pela paranoia, pelo transe hipnótico, pela sugestão e pelos reflexos. (KLOPPENBURG, 1960, p. 63-113)

Em seu discurso Kloppenburg considera que não há como comparar os milagres católicos aos fenômenos espíritas, assim como aceitar as comparações de que Cristo foi um médium como era propagado pelo Espiritismo. Para Kloppenburg Cristo não precisou preparar nenhum ambiente e deixar de fazer uso consciente de seus sentidos para obter os milagres, ao contrário dos fenômenos espíritas provocados pelos médiuns que necessitam de um “ambiente que se caracteriza por um inegável determinismo, nitidamente sujeito a condições naturais, físicas, fisiológicas e psíquicas”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 174)

O mesmo vai ocorrer com o conceito definido pela Federação Espírita Brasileira de que “fenômeno espírita é qualquer manifestação de um espírito ao homem,” (KLOPPENBURG, 1960, p. 175) que para Kloppenburg causava confusão, pois:

as aparições espontâneas narradas na Sagrada Escritura, os milagres de Cristo, dos Apóstolos e dos Santos, os fenômenos místicos da hagiografia cristã, as visões e aparições, as revelações públicas e particulares, as

possessões, obsessões e infestações diabólicas, as casas mal-assombradas da fantasia popular, as manifestações provocadas em sessões espíritas ou em terreiros de Umbanda, as materializações, os movimentos sem contacto e os raps provocados pelos médiuns, as mensagens da psicografia ou psicofonia, as incorporações parciais nos centros kardecistas e as incorporações totais nos terreiros, Cristo no Tabor e o Babalaô na tenda de Ogum, tudo isso, tôda essa mistura seria a “fenomenologia espírita”.
(KLOPPENBURG, 1960, 175)

Ocorriam fenômenos cristãos e espíritas que asseguravam a existência de espíritos e a comunicação destes com o homem, para Kloppenburg a causa de tanta confusão entre os católicos. Segundo Kloppenburg, Allan Kardec também quis evitar esta confusão, tanto que criou o termo *espiritismo* e *espíritas* para designarem “fenômenos específicos, só dêle e que devem manter-se distintos de outros que já eram conhecidos antes dêle.” (KLOPPENBURG, 1960, p. 176)

Analisando a obra “O livro dos Espíritos”, Kloppenburg diz que Allan Kardec divide o Espiritismo em fatos *espontâneos* e *provocados*. As visões seriam exemplo de fato espontâneo, já os fatos provocados seriam alcançados por intermédio dos médiuns. Para Kloppenburg o “pretender provocar, por intermédio de médiuns, a comunicação com os espíritos,” foi a novidade do Espiritismo. (KLOPPENBURG, 1960, p. 176)

Portanto Kloppenburg afirma que o fato espontâneo seria iniciativa do espírito para com o homem e que não precisaria de condições e nem hora certa para acontecer e por isso este não seria condenado por Deus. Já o fato provocado que é a iniciativa do homem para com o espírito precisaria de determinadas causas naturais para acontecer e este seria condenado pela lei divina. Kloppenburg relembra repetidas vezes em seu discurso que antes do Espiritismo a Igreja Católica já admitia os fenômenos espíritas espontâneos. Por isso para Kloppenburg negar os fenômenos provocados não significa negar os milagres, pois estes foram estudados e antes de serem comprovados como milagres foram apresentados por fatos maravilhosos. (KLOPPENBURG, 1960, p. 177)

O Espiritismo segundo Kloppenburg aceita que os espíritos podem se manifestar espontaneamente ou pela evocação do médium, ainda nas sessões segundo Kloppenburg, os médiuns dizem que fazem a

evocação dos espíritos em geral, e os mesmos é que apresentam a iniciativa de se comunicar, o que para Kloppenburg:

mesmo neste caso, estaríamos diante duma evocação propriamente dita e o fenômeno, se se realizasse (no que não acreditamos), seria, por natureza, provocado e não espontâneo. Pois a iniciativa ou o ponto de partida seria o homem que deseja ou quer uma comunicação perceptível qualquer. Mas no fenômeno espontâneo, como o entendemos, a iniciativa ou ponto de partida seria o espírito. (KLOPPENBURG, 1960, p. 178)

Em “O Livro dos Médiuns” Kloppenburg mostra que Allan Kardec ainda sobre a evocação dos espíritos responde:

que esta atitude de evocação de um espírito qualquer que espontaneamente se apresentasse seria errônea: “Primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar, e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembléia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós: chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 178-179)

Neste sentido a comunicação específica ou genérica com os espíritos para Kloppenburg não deixa de ser um fenômeno provocado pelo próprio homem, como pode ser visto no ritual usado para evocar os espíritos nas sessões kardecistas. Kloppenburg lembra que diferentemente da Umbanda que têm pontos riscados e cantados para cada orixá, no Espiritismo é realizada uma oração pelos médiuns pedindo a Deus que estes espíritos conhecidos se comuniquem.

Esta mediação em nome de Deus é muito criticada por Kloppenburg, pois “não se justifica a transgressão dum mandamento de Deus! Êste modo de evocar torna o ato até mais sacrílego”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 180) Para Kloppenburg se há um mandamento divino que proibi evocar os espíritos, o homem então estaria pedindo permissão para pecar. Explicando que as orações dos católicos em pedir auxílio para os santos e anjo de guarda é a invocação, justificadas por Kloppenburg como a intermediação dos santos e anjos

perante a Deus pelas causas humanas, mas que não há nenhuma comunicação com os mesmos.

Em relação ao determinismo dos fenômenos espíritas que são gerados como já falado anteriormente por fatores e agentes naturais, Kloppeburg não observará somente que condições e circunstâncias são prescritas para as sessões como exemplos: a empatia entre os médiuns e os assistentes, o preparo físico e espiritual do médium, a iluminação do ambiente, a organização da sessão, entre outros, indicados pelos órgãos da Federação Espírita Brasileira, mas também os médiuns e suas mensagens.

Os fenômenos mediúnicos apresentam um caráter notavelmente uniforme, como que obediente a um programa rígido, produzindo geralmente o médium o mesmo tipo de fenômeno. O médium dá a impressão de ser um especialista só em determinado fenômeno. Os fenômenos variam apenas de médium para médium. (KLOPPENBURG, 1960, p. 184)

A especialidade de cada médium Kloppeburg descreve como: os intuitivos, os curadores, os audientes, os falantes, entre outros. Kloppeburg argumenta que para o Espiritismo “os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes. (...) Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes”. (KLOPPENBURG, 1952c, p. 279)

O médium para Kloppeburg é considerado um indivíduo sinalizado pelo fato que durante as sessões de desenvolvimento nos centros espíritas, o médium passa por um processo de sinalização cujas práticas são explicadas pela ciência da reflexologia.

O organismo do homem, como o do animal em geral, tem a fundamental qualidade ou capacidade de se adaptar ao meio e aos dados variáveis e sempre novos que modificam o ambiente. Os excitantes ou estímulos que o organismo recebe de fora, através dos sentidos, provocam respostas inconscientes e reações automáticas totalmente independentes da consciência ou do raciocínio. Surgem assim os movimentos reflexos, encaminhados, dirigidos e desencadeados pelo sistema nervoso. A cada ação do ambiente corresponderá uma reação do organismo. (...) E a própria natureza já estabeleceu um arco nervoso que liga a percepção do estímulo com a resposta a ser dada por certo órgão. Tais reações são, por isso, imediatas, conaturais, instintivas e absolutas. É a razão por que se chamam reflexos incondicionados. (...) O excitante de per si indiferente só será capaz de provocar uma determinada

reação orgânica depois de se estabelecer um arco nervoso especial entre a percepção daquele estímulo indiferente e esta determinada resposta biológica. A repetição do estímulo indiferente juntamente com um excitante absoluto, o aprendizado ou a experiência são capazes de produzir êstes novos arcos nervosos, mesmo nos animais irracionais. Desta forma se condiciona a reação do organismo a um excitante externo qualquer e de per si indiferente. O efeito ou a reação orgânica produzido desta maneira é que recebeu o nome de reflexo condicionado. (...) Todo e qualquer excitante externo e indiferente, que se torna capaz, sob certas condições, de fazer desencadear respostas biológicas, é chamado estímulo-sinal ou simplesmente sinal. (KLOPPENBURG, 1960, p. 104-105)

Em seus estudos, este estímulo-sinal ou sinal no homem, para Kloppenburg, pode ser trocado por uma palavra que é um estímulo definido pelo frei como “sugestão”, na qual demonstra que toda pessoa após ser sinalizada pode se tornar um médium, e esta:

“é para o homem um estímulo condicionado tão real como os outros estímulos comuns com os animais, mas ao mesmo tempo tão polivalente como nenhum outro”. Entretanto, também a simples entonação da voz pode bastar para dar à palavra um significado novo. (...) Desta maneira uma simples palavra é capaz de pôr em atividade um órgão ou de desencadear uma resposta biológica na forma de movimentos reflexos, condicionados por tal palavra. Esta palavra, pronunciada nas indicadas condições, será a sugestão. Aí temos, pois, a natureza da sugestão e a forma pela qual a sugestão produz efeitos reais no organismo. Note-se bem que êstes efeitos não são imaginários e que sua produção não depende do concurso da parte consciente ou inteligente do homem. Portanto, o essencial, para que possa produzir-se o reflexo condicionado, é que exista um estímulo indiferente transformado em estímulo-sinal (ou o correspondente signo-sinal, a palavra) permitindo o estabelecimento de um arco nervoso que liga a percepção do estímulo com a reação biológica que temos em vista. Então, dado o “sinal”, a resposta virá, sem nenhuma colaboração da parte racional do paciente. (KLOPPENBURG, 1960, p. 106)

Portanto este estímulo não é considerado real e sim ilusório, porque está relacionado com o psiquismo humano.

A sinalização do médium é confirmada segundo Kloppenburg pelo próprio Espiritismo:

todos nós possuímos a mediunidade” e que, por isso, “todos nós podemos ser médiuns”. (...) Mas ninguém nos

poderá dizer qual a nossa espécie de mediunidade, se escrevente, falante, audiente ou vidente. O único remédio é experimentar: “Durante algum tempo faremos exercícios de escrita; se não derem resultado, faremos exercícios para o desenvolvimento da mediunidade falante, depois da auditiva, e assim por diante até que se manifeste uma para a qual tenhamos facilidade; então abandonaremos as outras e nos dedicaremos somente a ela. Nunca pretendamos desenvolver várias mediunidades.” (KLOPPENBURG, 1960, p. 187)

Kloppenburger além da reflexologia menciona em seus estudos também a parapsicologia e a metafísica como ciências que pesquisam os fenômenos de mediunidade. Para Kloppenburg ambas contestavam a comunicação com os espíritos, cientificamente não era um fato, mas entendida como uma hipótese, estudos estes que defendiam que os fenômenos que ocorriam no Espiritismo podiam ser emitidos pelo subconsciente do médium. (KLOPPENBURG, 1960, p. 189-194)

A aproximação de Kloppenburg com o discurso médico-psiquiátrico visava legitimar a ideia que a prática da evocação produzia efeitos negativos para a saúde dos médiuns. Baseado num pequeno questionário enviado para “um grupo de Professores de Psiquiatria, Diretores de Hospícios e Médicos Psiquiatras”. (KLOPPENBURG, 1957, p. 47) Kloppenburg nos apresenta as seguintes respostas:

Existe impressionante unanimidade entre os médicos psiquiatras, professores de psiquiatria, diretores de hospícios, etc., em denunciar a prática da evocação dos espíritos como nociva, prejudicial, desaconselhável, perigosa, perniciosíssima, etc.. Há também unanimidade moral em ver na prática do Espiritismo um poderoso fator de loucuras. (...) Mas não há unanimidade na questão se a prática do Espiritismo apenas desencadeia distúrbios mentais já latentes e em indivíduos predispostos à loucura, ou se também deve ser considerada como fator que por si só é capaz de provocar reações psico-patológicas em indivíduos perfeitamente sãos. Nem todos se pronunciaram sobre esta questão. Mas todos concordam em dizer que a sessão espírita é a melhor oportunidade para desencadear enfermidades mentais latentes. (...) Não apenas os médiuns, mas também a assistência pode ser vítima de semelhantes males. (...) Há unanimidade quase total em qualificar a pessoa do médium como tipo anormal, insano, neurótico, desequilibrado, degenerado, histérico, etc. (...) Com particular veemência é unânime condenado o desenvolvimento e o exercício das faculdades chamadas mediúnicas. (...) Todos são unânimes também em declarar

que o uso abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta perigos para a Saúde Pública. Em vista de tudo isso, reclamam ou apoiam medidas públicas de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas como nocivos à Saúde Pública. (KLOPPENBURG, 1957, p. 48-50)

Este mesmo discurso de que as pessoas podem gerar reações psíquicas, se encontram nos estudos de Kloppenburg como em 1959 sobre as práticas de superstições, neste exemplo sobre as profecias.

As predições de males, doenças ou morte podem ocasionar perigosas reações psíquicas de movimentos reflexos, principalmente em pessoas sugestionáveis. Os que vão consultar videntes ou adivinhos dão por isso mesmo demonstrações de credulidade: estão, pois, dispostos a acreditar na verdade ou na realização daquilo que lhes foi predito. Ora, quem conhece o mecanismo psíquico das sugestões sabe que elas são capazes de produzir reações biológicas inteiramente independentes da vontade, da inteligência ou da parte consciente do paciente. A cartomante, o astrólogo, o hidroscoquista ou qualquer outro tipo de “vidente” prediz, por exemplo, que Fulano terá, dentro de dois meses, um determinado desarranjo funcional no estômago, nos intestinos ou em qualquer outro órgão, que ele terá o cuidado de precisar em sua “visão”. Resultado: a predição pode atuar como sugestão, “sinalizando” (como se diz na linguagem técnica da Reflexologia) o paciente e desencadear dentro do tempo prefixado exatamente aquela doença que o vidente teve a desfaçatez de mencionar. Certamente que então a “profecia” se realizou: mas ela foi a causa (psicológica) deste efeito. E isto não é profecia: é crime! (KLOPPENBURG, 1959, p. 59-60)

O discurso médico psiquiátrico dos fenômenos mediúnicos dará embasamento em relação à “saúde pública”, para Kloppenburg contestar ao longo de suas publicações diversas vezes que a liberdade de culto assegurada pela Constituição Brasileira permitiu a proliferação destes danos e de outras heresias. Kloppenburg buscará na própria legislação, como o art. 141, § 7 da Constituição Brasileira de 1946 que trata da “liberdade do espírito, de reunião, de associação e inviolabilidade da casa”:

É inviolável a liberdade de consciência e crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil. (PACHECO, 1965, p.71)

Este artigo oferecia a Kloppenburg amparo moral e religioso para se posicionar e também assegurar que as práticas espíritas fossem proibidas. Kloppenburg se manifesta da seguinte forma:

Salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes. Ora, o Espiritismo ou o exercício público e religioso da evocação dos mortos ou espíritos, além de ser tempo perfeitamente perdido, é contrário ao mandamento divino, e prejudicial, pernicioso, perigosíssimo, etc. para a saúde do corpo e alma dos praticantes e assistentes e, por isso, contraria a Ordem Pública, e, conseqüentemente, é inconstitucional. (KLOPPENBURG, 1957, p.51)

A Campanha Nacional contra a Heresia espírita em seu documento de 1953 também pedirá “alerta, junto aos responsáveis, sobre o mal físico, psíquico e moral causado pela prática do Espiritismo, bem como para o art. 284 do Código Penal, que proíbe fazer diagnósticos, receitar remédios ou fazer passes”. (DOCUMENTAÇÃO, 1953b, p. 765)

Kloppenbug ao tratar sobre as condições para observar os fenômenos espíritas recomenda que a observação não seja com hora marcada para evitar a fraude ou o charlatanismo.

A situação se torna ainda mais crítica quando o acontecimento surpreendente envolve o homem ou procede do psiquismo humano. Precisamos então defender-nos contra os possíveis automatismos psíquicos (nas suas variadíssimas formas de manifestação), contra as invenções dos paranóicos, contra as fantasias e as imaginações dos histéricos, contra as alucinações dos sentidos (até mesmo dos próprios experimentadores ou observadores), contra as ilusões (facílimas não só no escuro), contra as impressões subjetivas, contra as coincidências das circunstâncias, contra as mentiras conscientes e voluntárias e, sobretudo, contra as fraudes e os embustes. (KLOPPENBURG, 1960, p. 200)

O próprio determinismo das sessões espíritas no discurso de Kloppenburg podem gerar reações psíquicas nas pessoas.

Nas experiências deste tipo precisa-se de prudência externa, desconfiança constante e de um espírito crítico em ininterrupto estado de alarme, permanecendo sempre com os pés sobre a terra e trabalhando de modo frio e racional, sem se entregar à imaginação, às emoções, às impressões ou até às paixões que cegam. Temperamentos impressionáveis, sugestionáveis ou nervosos, pessoas apaixonadas ou tomadas de preconceitos são incapazes de

controlar cientificamente qualquer fenômeno inesperado ou surpreendente. (KLOPPENBURG, 1960, p. 201)

Ainda sobre as observações das sessões espíritas, Kloppenburg argumenta que “a repisada distinção entre Espiritismo alto e baixo tem, na realidade, só êste sentido: enquanto a marmelada não fôr descoberta, é alto Espiritismo; desmascarada a mistificação, passa a ser baixo Espiritismo”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 202)

Neste sentido a evocação aos espíritos para Kloppenburg é considerado um tempo perdido, porque as mensagens,

sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade dos espíritas. (...) Ingênuamente, acreditamos ouvir as palavras dum desencarnado, quando, de fato, assistimos às agitações do subconsciente, que se concentram em torno de uma personalidade fictícia. (...) O próprio conteúdo, pois, das mensagens espíritas está nitidamente condicionado pelas crenças, idéias e opiniões dos praticantes do Espiritismo. (KLOPPENBURG, 1960, p. 185-187)

Em relação a posição oficial da Igreja Católica aos fenômenos espíritas, Kloppenburg esclarece que esta nunca se pronunciou sobre estes fenômenos. Kloppenburg substituirá a denominação “fenômenos espíritas” por “fenômenos mediúnicos,” porque era entendido que “espírita” já apontava uma interpretação do fenômeno. Portanto para a Igreja:

nenhuma das várias interpretações propostas sobre a natureza ou a causa dos fenômenos mediúnicos, nem mesmo a interpretação espírita, foi censurada, rejeitada ou condenada oficialmente pela Igreja; não corresponde à verdade dizer que a Igreja endossa oficialmente a interpretação que vê nos fenômenos mediúnicos uma intervenção preternatural do demônio; jamais a Igreja proibiu o estudo ou a investigação científica dos fenômenos mediúnicos. O católico não está absolutamente proibido de estudar a Metapsíquica ou a Parapsicologia, pelo contrário, seria até muito de desejar que também os cientistas católicos e as universidades católicas se ocupassem mais intensa e sistematicamente (sic) com a fenomenologia mediúnica ou parapsíquica, seja para verificar sua verdade histórica, seja para investigar sua verdade filosófica ou a sua causa. (KLOPPENBURG, 1960, p. 194-195)

A Igreja Católica sobre o fenômeno mediúnico recorda o mandamento divino, na qual a evocação dos mortos ou outros espíritos

qualquer é proibido por Deus. Portanto a Igreja Católica para Kloppenburg

não tem nem autoridade nem competência para modificar ou revogar uma lei, determinação ou proibição divina. Por este motivo: os defensores da interpretação espírita dos fenômenos mediúnicos não podem provocar, eles mesmos, novos fenômenos desta natureza, ainda que seja para fins de estudos; a razão disso é evidente: a provocação do fenômeno implicaria necessariamente uma evocação dos espíritos, ao menos na intenção. E isso foi proibido por Deus. Para fins de estudo o homem não pode fazer coisas ilícitas e proibidas por Deus. (...) Como toda sessão tem a finalidade própria e essencial de evocar espíritos ou de provocar a obtenção de comunicações ou mensagens do além, toda e qualquer sessão espírita é um ato de formal desobediência a uma lei divina e, por isso, gravemente proibida e pecaminosa. Para resolver a questão moral da prática do Espiritismo pouco importa saber se os espíritos de fato conseguem ou não evocar espíritos em suas sessões; pois se o conseguem, não há dúvida a respeito da evocação e, por conseguinte, da desobediência; se não o conseguem, é certo que eles têm ao menos a intenção, o propósito ou a vontade deliberada de evocar e, portanto, de transgredir um mandamento divino; e isso basta para um pecado formal. É, pois, a maliciosa ou pecaminosa intenção de querer evocar espíritos, que torna ilícita e moralmente má a provocação de fenômenos mediúnicos em sessões espíritas, ainda que de fato sejam fenômenos puramente naturais e sem relação alguma com espíritos não encarnados ou desencarnados. Havendo, porém, certeza de que determinado fenômeno mediúnico ou metapsíquico é puramente natural, e excluída expressamente a pecaminosa intenção de evocar qualquer espírito (bom ou mau, pouco importa), será lícito provocar o fenômeno contando que não seja prejudicial para a saúde. Parece, porém, que a repetição frequente de certos fenômenos psíquicos (o transe, a escrita automática, a mesa dançante, o sonambulismo provocado, etc.) pode causar perturbações psíquicas, desencadear distúrbios mentais em indivíduos predispostos, preparar o automatismo, concorrer para as alucinações, alterar as secreções internas, produzir delírios, prejudicar o sistema nervoso, etc. Pelo que tais fenômenos devem ser provocados com muito critério, cautela e moderação, não em ambiente popular para distrair, mas em meios científicos para estudar. (KLOPPENBURG, 1960, p. 195-198, grifos nossos)

Podemos recorrer neste momento a característica de intertextualidade do discurso teológico tratada por Orlandi na introdução

de nosso trabalho, na qual mostra que o texto precisa diminuir outros textos para ganhar algum significado. (ORLANDI, 1996, p. 259) Se no discurso médico psiquiátrico Kloppenburg persegue a legitimação dos danos causados ao médium e aos assistentes para poder argumentar com o discurso jurídico, isso não acontece no discurso religioso. A validade da investigação científica dos fenômenos mediúnicos não faz diferença para a Igreja Católica, pelo que percebemos no discurso de Kloppenburg, porque a intenção somente de provocar um fenômeno mediúnico, já é condenada pelas leis divinas.

Esta condenação aparece no discurso de Kloppenburg como não sendo o seu e nem da Igreja Católica, mas instituído por Deus, para Orlandi no discurso religioso a voz de Deus se fala no seu representante, mas este não tem autonomia para modificá-la. (ORLANDI, 1996, p. 245) Para Andrade, Kloppenburg analisava as manifestações a partir da Igreja Católica, a partir de suas próprias designações e seu principal referencial para elaborar um discurso eram as declarações da hierarquia eclesiástica. (ANDRADE, 2012b, p. 101)

Desta maneira se o estudo em relação aos fenômenos mediúnicos for puramente natural, este passará pelo mesmo roteiro em relação aos estudos sobre o fenômeno espírita, como a verificação dos milagres da Igreja Católica, que está baseado em três processos de exame. O primeiro momento é chamado de “investigação de sua verdade histórica”, antes de tentar achar alguma explicação para um fenômeno espírita, é necessário comprovar a autenticidade do fato, se estes fatos são reais ou fraudulentos.

Em seguida, após a constatação da sua realidade histórica, se interpreta o fenômeno como sendo natural ou sobrenatural. Este processo se chama “investigação da verdade filosófica do fenômeno”. Kloppenburg lembra que há uma regra chamada áurea para este segundo processo:

Enquanto um fato ou fenômeno pode ser explicado naturalmente, não se deve aduzir nem admitir argumentos que exigem a intervenção de forças preternaturais. Quando se afirma o caráter extranatural de um fato, dita afirmação deve ser provada e não pressuposta. (KLOPPENBURG, 1960, p. 207)

Assim, se neste segundo momento, se entender que o fenômeno é natural, termina a investigação, caso contrário, passa-se para o último processo, que é identificar quais forças produziram o fenômeno espírita.

Na “investigação da verdade teológica do fenômeno” investiga-se se foram comunicações ou manifestações de Deus, dos anjos bons, das almas dos justos, das almas dos que se condenaram ao inferno, dos anjos maus e dos demônios. Esta investigação tem sete (07) circunstâncias que “acompanham o fenômeno e nas quais ele é produzido: o sujeito; o objeto; o lugar; os meios utilizados; a finalidade que se teve em vista; o modo como foi obtido e o tempo.” (KLOPPENBURG, 1960, p. 207-208)

Kloppenburger diz que mesmo que o fenômeno espírita tenha acontecido de fato, a interpretação filosófica e teológica sobre o fenômeno é o processo mais complicado, porque a interpretação de um, pode não ser a interpretação de outro, por este motivo muitas vezes a interpretação é somente uma hipótese. Por isso para Kloppenburg, admitir um fato como espírita, não quer dizer que a igreja esteja apoiando o Espiritismo. (KLOPPENBURG, 1960, p. 208) É neste momento que observamos o discurso autoritário da Igreja Católica sobre o Espiritismo acerca dos fenômenos espíritas, porque a interpretação filosófica e teológica da Igreja Católica sobre o fenômeno espírita só considera um fenômeno natural, quando livre de qualquer um dos efeitos estimulados pelo homem, neste sentido os fenômenos mediúnicos do Espiritismo não são tratados pela Igreja Católica, embora Kloppenburg considere os fenômenos mediúnicos como não sendo reais e sim ilusórios.

Portanto o grande mal da Doutrina Espírita no discurso de Kloppenburg “não está em afirmar como verdade uma coisa vagamente hipotética: o grande e imperdoável mal do Espiritismo está em fazer duma hipótese vaga um movimento religioso, uma nova religião, com ensinamentos diretamente contrários à Revelação Cristã.” (KLOPPENBURG, 1957, p. 61)

3.3. O PAPEL DO DEMÔNIO NO ESPIRITISMO PARA FREI BOAVENTURA KLOPPENBURG.

Ao ser acusado em uma nota do boletim *O Semeador*, agosto de 1956, por sustentar que o fenômeno espírita seria obra do demônio, Kloppenburg nega esta acusação e lembra também que é espalhado e até de maneira rígida entre os católicos e espíritas, que a Igreja Católica

afirma que o Espiritismo causaria a atuação do demônio. (KLOPPENBURG, 1960, p. 272)

Sobre esta acusação Kloppenburg afirma que não poderá, “por isso, deixar de expor a doutrina oficial da Igreja a este respeito e o nosso pensamento teológico sobre uma real ou possível atuação do demônio no Espiritismo.” (KLOPPENBURG, 1960, p. 272) A exposição de Kloppenburg sobre esta acusação se divide em cinco partes.

Na primeira parte Kloppenburg recomenda separar para fins de estudos a atuação espontânea do demônio das intromissões provocadas pelos médiuns. Na atuação espontânea o demônio toma a iniciativa de agir sobre ou em torno do homem, como nas possessões, obsessões e o homem seria passivo desta ação. A intervenção provocada é a iniciativa do homem, mais precisamente a do médium.

Neste sentido o objetivo de Kloppenburg será com as intervenções provocadas pelos médiuns, Kloppenburg investigara se “podem ou devem ser atribuídos ao demônio os efeitos (fenômenos, mensagens, etc.), obtidos ou provocados pelos médiuns em sessões espíritas?” (KLOPPENBURG, 1960, p. 273)

Para responder esta interrogativa Kloppenburg estudará os documentos oficiais do Magistério Eclesiástico e suas conclusões sobre estes documentos, Kloppenburg apresenta na segunda parte de sua exposição, que podemos resumir desta maneira:

1) É proibido evocar as almas dos defuntos e outros espíritos em qualquer ambiente e os documentos que tratam das práticas espíritas, estes de 1856 e 1917 não afirmam que estas práticas sejam atuações do demônio;

2) Foi usada pela igreja, a mesma encíclica em 1840, 1847, 1856 e todas elas condenam como pecado de heresia, provocar por meios naturais, fenômenos de efeitos naturais ou preternaturais, os únicos meios naturais que podem por determinação especial divina obter efeitos não naturais são os sacramentos instituídos por Deus;

3) Os fenômenos sobrenaturais e espontâneos são uma realidade aceita pela igreja, tanto os milagres como as possessões e as obsessões. Mas não há nenhum pronunciamento feito pela igreja em relação aos fenômenos provocados e ditos como sobrenaturais;

4) A proibição em relação ao Espiritismo não significa dizer que a Igreja Católica reconheça esta prática como uma atuação do demônio. Kloppenburg demonstra que na encíclica de 1856, a preocupação da igreja foi com a

superstição destas práticas, especialmente nas mulheres, posteriormente com a saúde mental denunciada pelos médicos psiquiatras;

5) O demônio não pode se intrometer facilmente e o tempo todo nas coisas humanas, seria contra a ordem da natureza e dos desígnios de Deus;

6) O magnetismo e o hipnotismo são considerados fenômenos de efeitos naturais, portanto a sua prática só é aceita a serviço de um fim clínico dentro dos limites éticos que valem para toda a atividade científica. (KLOPPENBURG, 1960, p. 274-279)

Estas normas do Magistério Eclesiástico são apontadas com frequência no discurso de Kloppenburg sobre o Espiritismo e como fundamento teórico de suas análises. Das normas acima, destacamos em seu discurso a existência de fenômenos sobrenaturais e espontâneos, sobre a proibição da prática de evocar os espíritos, sobre os únicos meios naturais que podem produzir efeitos não naturais que são os sacramentos instituídos por Deus e que não há outros meios além destes.

Kloppenbug retoma na terceira parte de sua exposição à possibilidade da atuação do demônio provocada pelo médium. A questão para Kloppenburg deixa de ser a atribuição dada ou não ao demônio num fenômeno provocado, mas se o médium pode provocar por sua própria vontade e de modo eficiente uma intervenção do demônio na sessão espírita.

Assim como satanás pode –data vênia Dei- intrometer-se, por exemplo (sempre nos limites indicados por Deus), num convento franciscano, da mesma maneira e sob as mesmas condições poderá atuar num centro espírita ou num terreiro umbandista. Mas nestes casos teríamos intromissões diabólicas espontâneas, das quais, como dissemos no princípio, não nos preocupamos. Interessamos exclusivamente, pela intervenção diabólica provocada por médiuns em sessões espíritas. E aqui surge uma questão que é, a nosso ver, fundamental e de cuja solução depende o problema da atuação diabólica no Espiritismo e a própria possibilidade do Espiritismo como tal. (KLOPPENBURG, 1960, p. 279)

Dentro desta mesma questão, Kloppenburg reconhece que o homem pode tentar provocar e evocar a presença do demônio, porque o livre arbítrio concedido por Deus lhe concede esta escolha de pecar. Mas sobre o demônio, Kloppenburg ainda se pergunta: “pode ser como que

forçado ou obrigado pelo homem a comparecer e a executar suas ordens (...) é a ação do médium a causa eficiente da presença e da ação do demônio? Se é a intervenção diabólica o efeito necessário da causa posta com esta intenção pelo homem?” (KLOPPENBURG, 1960, p. 280, grifos nossos)

Suas indagações serão relacionadas novamente com os documentos oficiais da Igreja Católica e baseado nestes, Kloppenburg responde da seguinte maneira:

Nossa firme resposta é totalmente negativa: O homem não tem a faculdade ou a possibilidade de provocar por sua própria iniciativa e de modo eficiente uma manifestação preternatural do demônio ou de qualquer outro espírito do além. Não existe, porque é impossível, a atuação diabólica ou espírita provocada, mesmo em sessões espíritas ou em terreiros de Umbanda ou em qualquer outro antro de superstição, necromancia ou magia. (...) Portanto o Espiritismo ou a magia como tal, em sua pretensão de querer chamar ou evocar espíritos do além, é herético e impossível. Atenda-se bem ao seguinte: esta espécie de superstição não é condenada apenas como ilícita ou contrária à moral cristã, mas como herética ou contrária à fé cristã. A própria prática da magia ou do Espiritismo, sem outra doutrina, não é apenas um gravíssimo pecado, mas esta prática como tal já é uma heresia, isto é: um erro, está errado, não é verdade, não corresponde à realidade, é uma ilusão, é pura fantasia e imaginação. (KLOPPENBURG, 1960, p. 281)

Kloppenbug afirma que o médium não tem poder para evocar nenhum espírito e nem provocar a manifestação do demônio para que este faça algum mal, afirma que as intervenções diabólicas provocadas não são possíveis e não condiz com as leis eclesásticas. “Pertence ao plano da Providência Divina que o homem mostre sua virtude e constância na luta, nas adversidades e nas tentações. É esta a razão mais profunda por que Deus concedeu ao demônio certa liberdade de movimento”. (KLOPPENBURG, 1957, p. 62) Desta maneira o demônio só consegue intervir por vontade divina (nos momentos de provações) e não humana, ou seja, existe o poder de Deus e o demônio não têm autoridade para extrapolar esta ordem. Por este motivo Kloppenburg conclui:

A magia ou a necromancia como tal (ou o Espiritismo) é teològicamente impossível: o homem não dispõe de meios naturais para obter ou provocar efeitos preternaturais. Não

existem “sacramenta diaboli”. As práticas naturais da evocação não são nem podem ser a causa eficiente da manifestação de espíritos do além. E por isso também não há e nem pode haver atuação diabólica provocada nas sessões espíritas ou nos terreiros de Umbanda. Pela mesma razão é-nos lícito afirmar que os despachos, feitiços ou malefícios, quaisquer que sejam, ou de qualquer origem, são como tais ineficazes: Não são causas da manifestação ou atuação provocada de satanás, mas, (...) poderão ser ocasiões de alguma intervenção diabólica espontânea. (...) Entretanto os malefícios ou despachos poderão ser causas naturais de efeitos psíquicos também naturais: Pode uma pessoa ficar profundamente impressionada e aterrorizada por algum feitiço que produzirá, então, efeitos anormais e aparentemente preternaturais. (KLOPPENBURG, 1960, p. 283)

No caso dos despachos ou outros malefícios, Kloppenburg não os reconhece como sendo um fenômeno espírita, mas estimulados “pelo medo, pela credulidade, pelo maravilhoso e outras disposições subjetivas, que não faltam no nosso povo morbidamente supersticioso”. (KLOPPENBURG, 1959b, p. 24) Na sugestão o homem compreende que esteja sofrendo uma intervenção sobrenatural, mas esta na realidade é uma mistificação, por este motivo, em relação aos fenômenos mediúnicos Kloppenburg solicita que os católicos evitem dois pontos:

o de afirmar que só há fraude e o de dizer que tudo é obra do demônio. Existem realmente fenômenos psíquicos de aparência anormal e extraordinária e que não são produto de trapaça consciente. Não é da competência das autoridades eclesásticas pronunciar-se sobre a natureza íntima desses fenômenos. Em vista de certas afirmações constantes da propaganda espírita, parece-nos oportuno reafirmar o que dissemos na alocução anterior: “Não corresponde à verdade dizer que a Igreja endossou oficialmente a interpretação que vê nos fenômenos mediúnicos uma intervenção preternatural do demônio”. (...) Note-se, todavia, que nesta afirmação não falamos das manifestações espontâneas: referimos-nos exclusivamente aos fenômenos provocados em sessões espíritas ou em terreiros de Umbanda; nem afirmamos que o demônio nunca possa intervir: dizemos apenas que não pode ser a causa ordinária e constante desses fenômenos. Não excluímos, pois, a possibilidade de uma intervenção direta, extraordinária e rara do demônio no Espiritismo, principalmente no chamado Espiritismo de Umbanda. (KLOPPENBURG, 1957, p. 62)

E, nesta penúltima parte sobre a exposição da atuação do demônio, Kloppenburg trata da *atuação direta imperceptível do demônio* nos fenômenos espontâneos.

Distinguimos inicialmente a atuação diabólica espontânea da ação provocada. A clareza da exposição e a confusão de opiniões existentes reclamavam esta distinção que, como acabamos de ver, não corresponde à realidade. Pois as intervenções provocadas não existem, por serem impossíveis. Passemos agora a fixar nossa atenção aos intrometimentos diabólicos espontâneos, que são os únicos existentes na realidade. (...) O demônio não apenas existe, mas “anda em derredor, como um leão a rugir, procurando a quem devorar”. Tentar, insidiar, hostilizar os homens, enquanto estiverem no tempo da provação, eis a função específica que o Criador conferiu ao demônio. (KLOPPENBURG, 1960, p. 285)

De acordo com a Igreja Católica, Kloppenburg considera as manifestações do demônio como atuações direta e indireta, na qual a atuação direta é dividida como imperceptível e perceptível. A atuação indireta é denominada por tentação, na atuação direta perceptível pelas possessões e as obsessões e na atuação direta imperceptível, são as atuações do demônio que atormentam o homem sem este perceber, mas que existem. (KLOPPENBURG, 1960, p. 285) Kloppenburg demonstra que para as atuações do demônio o fundamento é o mesmo para os fenômenos espíritos, “enquanto houver alguma dúvida razoável se um fato provém de causa natural ou do demônio, êle deve ser atribuído a forças naturais”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 287)

O exemplo do personagem bíblico de Job tratado por Kloppenburg mostra a atuação direta imperceptível, pois mesmo que Job não tenha percebido os raios, as tempestades, os ladrões, as doenças e a histeria de sua mulher como manifestações do demônio para testar a sua fé (Job) em Deus. Assim nos dias atuais (1960) para Kloppenburg os cataclismos, os desastres, as desgraças e as doenças também são manifestações direta e imperceptível do demônio para testar a fé dos homens, embora sejam fenômenos que possam ser explicados naturalmente. (KLOPPENBURG, 1960, p.288-289)

Kloppenburg fala que é admitido com facilidade para as pessoas as tentações, as possessões e as obsessões e há uma negação em relação a atuação direta imperceptível. Kloppenburg diz que não quer cometer os erros do passado, ao afirmar a presença do demônio em tudo, mas chama atenção ao fato do homem estar ausentando a presença do

demônio das “coisas humanas e de explicar tudo pela psicologia” (KLOPPENBURG, 1955, p. 817)

Nesta última parte sobre a exposição da atuação do demônio Kloppenburg apresenta um fator que não é causa, mas que ajuda muito na atuação do demônio, a disponibilidade e o livre arbítrio do próprio homem. E neste sentido o Espiritismo é um ambiente que oferece oportunidade para que o demônio se intrometa nas causas mundanas, porque “tôdas as disposições objetivas e subjetivas aí estão”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 290) Para Kloppenburg os fenômenos mediúnicos “não merecem nossa atenção. Isso é evidente no caso de não serem autênticos. E dado que o sejam, lidamos com o demônio. É preciso que renovemos nossa fé na existência de satanás, e no seu interesse em procurar nossa ruína espiritual”. (KLOPPENBURG, 1957, p. 66)

As doenças também são analisadas por Kloppenburg como atuações diretas imperceptíveis do demônio, onde este age sem ser visto, por meio de outros meios naturais para induzir o homem ao pecado. Kloppenburg argumenta que:

a doença é o mal que mais aflige o homem. No combate à doença, portanto, a superstição encontrará o terreno mais propício e grato. Mas a credence não tem apenas um próprio e amplo receituário, ela defende também modos peculiares de ver e explicar as enfermidades. Ainda neste ponto a superstição permanece fiel ao seu princípio fundamental de fazer afirmações categóricas baseadas apenas na fantasmagoria. O supersticioso não aceita explicações claras e racionais: prefere vaguear num nebuloso e enigmático mundo de medonhos seres misteriosos. Imagina e cria os fantasmas mais disparatados, para então inventar meios de defesa não menos incongruentes. Segundo êle as doenças seriam causadas pela atuação de espíritos maléficos e trevosos; pelo encôsto de espíritos sofredores; pela lei do karma; pelas influências planetárias ou astrais; pelos fluidos maus e pesados e pelo mau olhado. (KLOPPENBURG, 1959b, p. 25-27)

Para Giumbelli “de fato, o primeiro contato de muitas pessoas com centros kardecistas ou umbandistas ocorre em virtude da tentativa de resolução de algum problema físico ou de alguma aflição psicológica ou moral”. (GIUMBELLI, 1997, p.33) Kloppenburg observa que as pessoas ao procuram o Centro Espírita em busca da cura de uma doença ou de um alívio espiritual, quando apresentam alguma melhora em seu

quadro, muitas vezes decidem ser espíritas por gratidão. E segundo Kloppenburg isso significa uma vitória para o demônio ao induzir que as pessoas neguem a Igreja Católica, lembrando que as doenças ou até mesmo os desastres são permitidos por Deus para testar a virtude humana. (KLOPPENBURG, 1960, p. 292)

Outro exemplo de atuação direta e imperceptível são os livros e os jornais contrários a Doutrina Católica e que propagam o Espiritismo no Brasil,

embora falsas, fraudulentas, ilusórias ou mórbidas, exercem uma atração tão grande em muitos homens de fé amortecida e de costumes depravados, que oferecem ao demônio que “anda em derredor como um leão a rugir, procurando a quem devorar”! Um poderoso e sobretudo fácil e atraente meio para apartar os homens da verdadeira religião e assim desviá-los mais facilmente da salvação. (KLOPPENBURG, 1957, p. 63)

Em seu discurso, Kloppenburg abordará várias vezes sobre a vontade e o livre arbítrio do homem e que o demônio anda em derredor como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Para Kloppenburg a “atuação direta e perceptível do demônio é mais rara”, (KLOPPENBURG, 1957, p. 64) que são as possessões e as obsessões. Mas já em relação a atuação direta imperceptível do demônio, parece estar mais em evidência o papel do demônio no discurso de Kloppenburg, porque o religioso demonstra que são as interferências que o demônio mais emprega, por não serem percebidas é o modo mais fácil que o demônio encontrou para perturbar o homem. Assim como no ensinamento da Igreja Católica, o homem está lutando o tempo todo contra as forças do mal, neste sentido Kloppenburg adverte em seu discurso que os católicos precisam mostrar suas virtudes perante as adversidades que acontecem nos momentos de provação. Por este motivo para Kloppenburg as pessoas não precisam frequentar um ambiente espírita para encontrar a cura de doenças e o alívio espiritual, pois os católicos têm em seu benefício os sacramentos divinos, nos quais encontram o remédio para todos os problemas espirituais e a sua salvação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que um Trabalho de Conclusão não é necessariamente o momento para assertivas definitivas sobre o assunto que estudamos, mas de volta reflexiva ao nosso ponto de partida. Assim, optamos por voltar aos capítulos aqui desenvolvidos, sistematizando os avanços realizados nessa nossa trajetória.

Observamos no primeiro capítulo que Frei Boaventura Kloppenburg demonstra desde cedo seu interesse pela ortodoxia da doutrina católica, como exemplo seu interesse pelos estudos de teologia dogmática e pelas fontes eclesiais, como aconteceu durante o Concílio Vaticano II. Kloppenburg foi o porta-voz da Igreja Católica para falar sobre o Espiritismo no Brasil. Assim, podemos evidenciar que a Campanha de Esclarecimento aos católicos sobre o Espiritismo foi incentivada pelo próprio Kloppenburg e ganhou força nacional com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Por outro lado, percebe-se nos próprios inscrites de Kloppenburg que houve certa rejeição por parte de alguns clérigos em aderir a Campanha sobre o Espiritismo. Sua posição não só durante esta campanha, mas como a frente da Revista Eclesial Brasileira ou como professor de teologia dogmática se apresenta sempre de maneira conservadora, com um discurso fundamentado nos dogmas e documentos eclesiais.

No segundo capítulo, primeiro subcapítulo, entendemos que todo o ensinamento teológico sobre a doutrina da Igreja Católica tem o seu fundamento na queda do demônio. Segundo o discurso teológico, esta narrativa alterou todo o projeto de criação de Deus e condenou a natureza humana ao sofrimento e a morte. Mas, ainda segundo o discurso teológico da Igreja Católica, como prova de amor a sua criação, Deus instituiu os sacramentos entre eles o batismo para salvação dos homens. Por este motivo é afirmado pela Igreja Católica que o demônio como príncipe deste mundo procura de todas as maneiras afastar o homem dos ensinamentos católicos e desígnios de Deus.

Como podemos ver no segundo subcapítulo o demônio é uma criação datada e histórica, que ganhou forma quando a Igreja Católica se legitimou como a religião dominante. Vimos que para Delumeau, o demônio também é uma criação humana, mas o mesmo demônio ganhará evidencia na Idade Moderna especialmente com a Reforma Protestante, quando a escatologia começara a ser divulgada através da imprensa e da literatura agravando o medo da morte e do pecado. A

representação entre quem era bom e quem era mau será um divisor no imaginário moderno, então para Delumeua a heresia se justificava quando num determinado grupo ou local, as ideias que não eram do senso comum passam a ser associada ao demônio, a cultura popular para Delumeau passa a ser perseguida por práticas cotidianas, mas que se tornam heréticas porque não seguiam o pensamento oficial religioso da época, seja da Igreja Católica ou da Igreja Protestante.

Esta ideia de herético também será tratada por Kloppenburg no primeiro subcapítulo do terceiro capítulo. O Espiritismo para Frei Boaventura Kloppenburg será tratado como uma doutrina herética que colocava em dúvida vários dogmas da Igreja Católica e suas proibições, na qual atentaremos sobre o contato dos espíritos com os homens. Este contato não era condenado pela Igreja, desde que estivesse sujeita a total vontade de Deus. O que as leis eclesiásticas proibiam era o homem tentar evocar os espíritos, buscar contato com eles como acontecia nas sessões espíritas. Segundo Kloppenburg uns dos fatores que favoreciam esta “heresia” no Brasil seria o hibridismo que aqui existia. Para acabar com esta “confusão” religiosa assim, Kloppenburg conclamará uma campanha de esclarecimento onde tinha como objetivo orientar os católicos em relação aos fundamentos do Espiritismo que negavam a religião católica. Devemos lembrar que o contexto brasileiro em meados do século XX, para a Igreja Católica, estava sendo marcada pela luta da supremacia do catolicismo perante as religiões Afro-brasileiras, o Espiritismo e o Pentecostalismo. Kloppenburg se manifestará como porta-voz da ortodoxia católica, dando ênfase sobre a morte e o pecado em seu discurso, reforçando que a Igreja Católica proibia os sacramentos católicos a todos que tivessem contato com o Espiritismo e demais religiões, atitude que entendemos como uma maneira do católico reafirmar a sua escolha entre o Catolicismo e o Espiritismo.

No segundo subcapítulo explanamos a cerca dos fenômenos espíritas, mostrando o chamamento por Kloppenburg a outros saberes. Kloppenburg para investigar a capacidade do médium em evocar tais comunicações com os espíritos se baseará em outras ciências para justificar o seu discurso sobre tais comunicações não serem reais, as mesmas também estavam relacionadas com psiquismo humano. Kloppenburg afirmará que o fenômeno mediúnico sofria interferência de vários agentes naturais que explicavam o efeito do fenômeno mediúnico, mas o estímulo definido como “sugestão” será um destes agentes

naturais, mais utilizado por Kloppenburg para explicar os fenômenos mediúnicos, no qual demonstra que toda pessoa após ser sinalizada pode evocar a comunicação com os espíritos, mas que esta prática na verdade não é real, é ilusória. Além que a interpretação filosófica e teológica da Igreja Católica sobre o fenômeno espírita só considera um fenômeno natural, quando este é livre de qualquer um dos efeitos estimulados pelo homem.

Desta maneira no terceiro subcapítulo para compreender o papel do demônio no discurso de Frei Boaventura Kloppenburg devemos nos ater que para o religioso quando há uma atuação do demônio esta não será necessariamente provocada por algum médium, mas entendida como uma manifestação espontânea. O papel do demônio no discurso de Kloppenburg parece estar mais em evidencia quando Kloppenburg trata da atuação direta imperceptível do demônio, pois estará dialogando com os ensinamentos da Igreja Católica que orientam o homem a mostrar a sua virtude perante as adversidades, que acontecem nos momentos de provação. Neste sentido as doenças são do ponto de vista teológico situações para testar à virtude espiritual, através do sofrimento a natureza humana consegue engrandecer-se espiritualmente, assim como as tentações que levam o homem através do livre arbítrio a fazer suas escolhas entre o bem e o mal.

O Espiritismo por negar o demônio e pregar a evocação dos espíritos entrará em conflito com dois dogmas muito importantes da Igreja Católica: (do demônio e o pecado). Por fim, uma sutileza no pensamento oficial da Igreja sistematizado por Kloppenburg faz-se necessária: não se reconhece poder no médium. Nesse caso, mesmo quando o demônio faz-se presente nas sessões espíritas, não é o médium que tem capacidade para “trazê-lo”, mas a própria vontade de Deus que se manifesta. Assim como a queda do primeiro casal, a expulsão dos anjos maus ao inferno e a própria presença do mal no mundo dependem da vontade de Deus, da mesma forma a ação demoníaca, quando existir no Espiritismo, dependerá dessa mesma vontade. Devemos entender em Kloppenburg que o mal é permitido por Deus a fim de que se cumpra o triunfo escatológico do bem, de Deus, suprema realidade. O Espiritismo e nele a presença demoníaca é vista, portanto, por Kloppenburg, dentro dos planos divinos em separar “o joio do trigo”, o bem do mal e assim preparar a vitória final de Deus.

5. FONTES

1) Livro:

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O. F. M. **Astrologia, quiromancia e quejandos**. Nº 35. Petrópolis: Editôra Vozes Limitada, 1959.

_____. **Nossas superstições**. Nº 34. Petrópolis: Editôra Vozes Limitada, 1959b.

_____. **O Espiritismo no Brasil: orientação para os católicos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1960.

2) Artigos da Revista Eclesiástica Brasileira:

APRECIACÕES. De relatione inter peccatum et mortem. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 12, n. 1, p. 244-248, mar. 1952a.

APRECIACÕES. El Diablo. Su naturaleza, su poder y su intervención en el mundo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 15, n. 3, p. 817, set. 1955.

COMUNICAÇÕES. Começa a Campanha Nacional contra a Heresia Espírita. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 13, n. 3, p. 655-657, set. 1953a.

DOCUMENTAÇÃO. Campanha Nacional contra a Heresia Espírita. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 13, n. 3, p. 762-766, set. 1953b.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O. F. M. Campanha Nacional contra a Heresia Espírita. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 13, n. 4, p. 838-852, dez. 1953c.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O. F. M. Contra a heresia espírita. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 12, n. 1, p. 85-111, mar. 1952b.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O. F. M. Cruzada de defesa da fé católica no I centenário do espiritismo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, 1957.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O. F. M. Os fundamentos da Doutrina Espírita. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, vol. 12, n. 2, p. 273-303, jun. 1952c.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Para a Campanha Nacional de Esclarecimento sobre o Espiritismo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, RJ, 1955b.

3) Sites da Igreja Católica:

A DIFERENÇA ENTRE PROVAÇÃO E TENTACÃO. Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?e=12404> Acesso em 25/02/2013.

‘CUIDADO PARA QUE NINGUÉM VOS ENGANE’! Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?e=12357> Acesso em 04/02/2013.

O DEMÔNIO EXISTE? Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=3016> Acesso em 15/02/2013.

PADRE RUFUS ESCLARECE OS MITOS SOBRE AS POSSESSÕES. Disponível em: <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=284276> Acesso em 08/02/2013.

PAOLO VI. Udienza Generale, 15 novembre, 1972. [s.d]. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721115_it.html Acesso em 20/08/2013.

PAPA FRANCISCO (homilia do dia 11/10/2013). Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/sempe-vigilantes-as-tentacoes-do-demonio-o-papa-f> Acesso em 23/10/2013.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica no Brasil a partir da Revista eclesiástica Brasileira. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf1/04%20Solange%20R.%20A%20ndrade.pdf> Acesso em 26/03/2013.

ANDRADE, Solange Ramos de. Frei Boaventura Kloppenburg e a história da Igreja Católica no Brasil: aspectos de uma biografia. **História Unisinos**. UNISINOS, v. 16, n.1, p. 139-148, jan./abril de 2012a.

ANDRADE, Solange Ramos de. **O catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012b.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Tradutores, Maria Luiza Guarnieri Atik ... [et al.]; revisores da tradução, Gloria do Amaral ... [et al.], revisão técnica, Ivanilda de Gusmão Verçosa. Maceió: EDUFAL, 2009.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário histórico de religiões**. Antonio Carlos do Amaral Azevedo: co-autoria Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BIOGRAFIA DE FREI BOAVENTURA. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbxlyY2NsZXNpYXZpYXZlcml0YXRpc3xneDo2MjkwMzVknjY2ZDNIODE3> Acesso em 26/03/2013.

BISPO JUBILAR COM SUAS VICISSITUDES ECLESIAIS. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2731/2080> Acesso em 26/03/2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia Machado; tradução das notas Heloísa Jahn. 5ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRIDERICHS, Edvino Augusto. **Onde os espíritos baixam**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1977.

GIUMBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n2/a05v28n2.pdf> Acesso em 24/03/2013.

_____ **Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3231.pdf> Acesso em 24/03/2012.

_____ **O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a10.pdf> Acesso em 24/03/2013.

HINNELLS, John R. (ed.) **Dicionário das religiões**. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Círculo do livro, 1984.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da igreja católica**. São Paulo: Libreria Editrice Vaticana: Edições Loyola, 1999.

ISAIA, Artur Cesar. As religiões afro-brasileiras e a hierarquia católica na primeira década pós-conciliar. **Revista Brasileira de História das religiões**. ANPUH, Ano IV, n.11, p. 1-15, set. de 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf10/06.pdf> Acesso em 14/01/2013.

_____ **Catolicismo versus umbanda: lutas de representação e identidade nacional (senzala delenda est)**. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: v.16, n.24, p. 28-42, outubro de 1998.

_____ **Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX**. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EDUFSC, n.30, p. 67-80, out. de 2001.

_____ **Huxley sobe o morro e desce ao inferno: a umbanda no discurso católico dos anos 50**. Disponível em: <http://www.cieaa.ueg.br/public/upload/huxley-sobe-morro.pdf> Acesso em 14/01/2013.

_____. O catolicismo pré-conciliar brasileiro e as religiões mediúnicas: a recorrência ao saber médico-psiquiátrico. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 26, p.599-622, 2005.

KARDEC, Allan. **O céu e o Inferno**: ou a justiça divina segundo o Espiritismo. 43ª edição. Trad. Salvador Gentile, revisão Elias Barbosa. São Paulo: Instituto de difusão espírita, 2005.

LEWGOY, Bernado. **Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista**: antigas e novas configurações. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/60/60> Acesso em 14/01/2013.

MORRE DOM BOAVENTURA KLOPPENBURG, BISPO EMÉRITO DE NOVO HAMBURGO. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/site/imprensa/alteracao-no-episcopado/1781-morre-dom-boaventura-kloppenburg-bispo-emerito-de-novo-hamburgo> Acesso em 26/03/2013.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª ed., São Paulo: Pontes, 1996.

_____. **Discurso e leitura**. 5ª Ed., São Paulo: Cortez; Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. (Org.) **Palavra, fé, poder**. São Paulo: Pontes, 1987.

PACHECO, Cláudio. **Tratado das Constituições Brasileiras**. Vol. X. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed., Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

SAGRADA CONGREGACIÓN PARA LA DOCTRINA DE LA FÉ. Fe Cristiana y demonologia [s.d]. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_sp.html Acesso em 20/08/2013.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos**. Campinas. Ed. Unicamp/editores associados, 2000.

SCHIERHOLT, José Alfredo. Frei Boaventura Kloppenburg, OFM – 90 anos por Cristo em sua Igreja. 2ªed. Lajeado: e-Book, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/12591016/16/A-SERVICO-DA-IGREJA-NO-VATICANO> Acesso em 14/01/2013.

YUCAT BRASIL. **Catecismo jovem da Igreja Católica**. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.